

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

**RAFAELA PEIXOTO REINHEIMER**

**O COTIDIANO E A CIDADE**

Porto Alegre

2012

**RAFAELA PEIXOTO REINHEIMER**

**O COTIDIANO E A CIDADE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms Kátia Salete Barfknecht

Porto Alegre

2012

## AGRADECIMENTOS

*À minha família, por toda dedicação e por todo amor;*

*À minha orientadora pela confiança depositada;*

*Às coordenações de Saúde Mental e do CAPS Viver, Maria Cristina Paiva Duarte e Paula Schuch Silveira por apostarem e tornarem possível a realização deste trabalho;*

*A toda a equipe do CAPS VIVER pelo apoio, carinho e confiança, nestes anos, especialmente, ao meu colega Alexandre Sasso, pela parceria, nas manhãs de terça-feira, na “aventura pela cidade”;*

*E, principalmente, aos participantes do Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer pelas importantes contribuições, agradeço com toda a minha admiração e respeito;*

*A vocês serei eternamente grata!*

## RESUMO

A presente pesquisa buscou construir uma análise sobre as intervenções do Grupo de Atividades de Vida Prática (AVP) e Lazer, utilizando a cidade como ferramenta para as ações de Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental. Este grupo acontece semanalmente no Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS) no município de Guaíba, através da circulação pelos espaços da cidade e pela realização de atividades nestes espaços, coordenado por um Terapeuta Ocupacional e por um profissional da Educação Física, junto com os usuários do CAPS. Para tanto, foram utilizados os recursos da pesquisa qualitativa, por meio da técnica de grupo focal. A pesquisa foi realizada no CAPS II da cidade de Guaíba, com os usuários que participam ou que já participaram do Grupo (AVP) e Lazer e que demonstraram desejo em participar desta pesquisa. Este Trabalho possibilitou o conhecimento das percepções dos usuários sobre a cidade, a identificação dos elementos que contribuem e que dificultam a relação dos usuários com a cidade, a compreensão sobre a contribuição do Grupo (AVP) e Lazer para a melhoria da relação dos usuários com suas atividades cotidianas na cidade e sistematização da experiência do Grupo AVP e Lazer como estratégia de atuação da Terapia Ocupacional em Saúde Mental.

Palavras-chave: Cotidiano - Cidade - Terapia Ocupacional - Reabilitação Psicossocial.

## **ABSTRACT**

The present study sought to build an analysis of the interventions of Life Activities Group Practice (AVP) and Leisure, using the city as a tool for the actions of Occupational Therapy in Mental Health field. This group takes place weekly in the II Center for Psychosocial Care (CAPS) in the municipality of Guaíba through the circulation spaces of the city and carrying out activities in these areas, coordinated by an occupational therapist and a professional physical education, along with users the CAPS. For this purpose, we used the resources of qualitative research, through the focus group technique. The survey was conducted in the city of CAPS II Guaíba, with users who participate or have participated in the group (AVP) and Leisure and demonstrated desire to participate in this survey. This work enables the knowledge of users' perceptions about the city, identifying the elements that help and hinder the relationship between users and the city, the understanding of the contribution of the Group (AVP) and leisure facilities for the improvement of the relationship between users and their daily activities in the city and systematization of the AVP and Leisure Group as a strategy of action of Occupational Therapy in Mental Health.

**Keywords:** Everyday - City - Occupational Therapy - Psychosocial Rehabilitation.

## SUMÁRIO

<b>IDENTIFICAÇÃO</b> .....	06
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	09
2.1 OBJETIVO GERAL .....	09
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	09
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	10
3.1 IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO .....	10
3.2 POPULAÇÃO .....	10
3.3 TIPO DE ESTUDO .....	10
3.4 COLETA DE DADOS .....	11
3.5 ANÁLISE DOS DADOS .....	12
3.6 ASPECTOS ÉTICOS .....	13
<b>4 REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	14
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	19
5.1 CONHECENDO AS PERCEPÇÕES DO GRUPO SOBRE A CIDADE .....	19
5.2 IDENTIFICANDO E ANALISANDO OS ELEMENTOS QUE CONTRIBUEM E QUE DIFICULTAM A RELAÇÃO DO GRUPO COM A CIDADE .....	24
5.3 COMPREENDENDO A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO PARA A MELHORIA DA RELAÇÃO DOS USUÁRIOS COM SUAS ATIVIDADES COTIDIANAS NA CIDADE .....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45
<b>ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)</b> .....	48
<b>ANEXO B: TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL</b> .....	50

## **IDENTIFICAÇÃO**

**TÍTULO DO TRABALHO:** O Cotidiano e a Cidade

**LINHA DE PESQUISA:** Saúde Mental Coletiva

**ALUNA PESQUISADORA:** Rafaela Peixoto Reinheimer

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Prof<sup>a</sup> Ms Kátia Salete Barfknecht

**INSTITUIÇÃO DE ORIGEM DA PESQUISA:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**LOCAL DA PESQUISA:** Centro de Atenção Psicossocial CAPS II Guaíba

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa surgiu das muitas reflexões ocorridas durante a realização do Curso de Especialização em Saúde Mental Coletiva e pelas observações do cotidiano na cidade de Guaíba, local onde trabalho a pouco mais de dois anos em um Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) como Terapeuta Ocupacional.

Guaíba, município que não conhecia, apesar de tão próximo de Porto Alegre, onde resido. Cidades separadas pelo mesmo rio - o Guaíba -, que me chamou atenção por sua proximidade e beleza.

Logo que comecei a trabalhar, fiquei alguns dias a imaginar como acontecia a vida nessa cidade, como se estabeleciam as relações entre os seus moradores e os territórios da cidade, que atividades realizavam, por que e como as realizavam, quais os recursos existentes e o que a cidade oferece.

Esses questionamentos nortearam a construção do meu trabalho como terapeuta ocupacional nesse município, se potencializaram na minha trajetória no curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva e continuam a me provocar.

Nas saídas do CAPS para os almoços, pude conhecer um pouco mais da cidade. Inicialmente, os arredores dos restaurantes, conversando com os moradores que frequentam esses espaços. Conheci a “Beira” e a “Escadaria” locais, utilizados pelas pessoas para se encontrarem, tomar chimarrão, praticarem exercícios, caminhar, conversar e namorar.

Ao retornar desses almoços para o CAPS, perguntava aos usuários do serviço o que costumavam fazer pela cidade. Falavam o que imaginavam que as pessoas faziam e o que observavam da janela do ônibus no trajeto casa - CAPS, das lembranças da época que iam para escola ou para o trabalho, das festas na praia, das cenas que imaginam sozinhos em seus quartos sobre o que se poderia fazer pela cidade ou o que não poderia ser feito. Esse foi o início da procura pelas respostas para os meus questionamentos que se tornaram ainda mais relevantes devido à especificidade do trabalho na saúde mental.

Nesse contexto, surgiu o Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer, devido ao interesse desses usuários pela proposta de circular e se apropriar dos espaços da cidade de Guaíba. Segundo Fonseca (2008, p. 87) a cidade se torna “Cenário e, ao mesmo tempo, instrumento para a prática clínica” que tem por desafio repensar a reabilitação psicossocial a partir da vida cotidiana, “Nos contextos reais da vida, colocando em cena as atividades e as redes de relações que tecem a vida cotidiana, o habitar, o território, o trabalho, a comunicação, o lúdico, a fantasia” (MÂNGIA; NICÁCIO, 2001, p. 77).



No decorrer das saídas pela cidade, conheci novos lugares e novos questionamentos foram surgindo na relação que se estabeleceu na prática com os usuários e a cidade: Como acontece a relação dos usuários com a cidade? Quais as percepções dos usuários sobre a cidade? Quais fatores, na percepção deles, contribuem e dificultam a participação em diferentes espaços da cidade? Por que querem passar os dias, somente, no CAPS?

Então, a presente pesquisa buscou construir uma análise sobre as intervenções do Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer utilizando a cidade como ferramenta, para as intervenções de Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental.

As reflexões construídas neste Trabalho de Conclusão de Curso dividem-se em três momentos. O primeiro tratará de apresentar uma revisão bibliográfica da relação da Reforma Psiquiátrica, Terapia Ocupacional, Setting Terapêutico e a Cidade e, também, apontar os objetivos desta pesquisa. O segundo momento refere-se ao caminho metodológico construído. E o terceiro contém a análise dos dados das seguintes categorias: Conhecendo as percepções dos usuários sobre a cidade, Identificando os elementos que contribuem e que dificultam a relação dos usuários com a cidade e Compreendendo a contribuição do Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer para a melhoria da relação dos usuários com suas atividades cotidianas na cidade. Termina com as considerações finais.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar as intervenções do Grupo de Atividades de Vida Prática (AVP) e Lazer, utilizando a cidade como ferramenta, para as ações de Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Conhecer as percepções dos usuários sobre a cidade;
- b) Identificar os elementos que contribuem e que dificultam a relação dos usuários com a cidade;
- c) Compreender a contribuição do Grupo AVP e Lazer para a melhoria da relação dos usuários com suas atividades cotidianas na cidade;
- d) Sistematizar a experiência do Grupo AVP e Lazer como estratégia de atuação da Terapia Ocupacional em Saúde Mental.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 IDENTIFICAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Atenção Psicossocial CAPS II Guaíba, localizado no município de Guaíba no Rio Grande do Sul. Conta com uma equipe composta por psiquiatras, psicólogos, assistente social, enfermeiro, técnicos de enfermagem, artesão, educador físico e terapeuta ocupacional. Atende a população que se encontra em sofrimento psíquico.

#### 3.2 POPULAÇÃO

Participaram desta pesquisa um total de oito indivíduos, sendo sete usuários que fazem parte do Grupo (AVP) e Lazer do CAPS II Guaíba e um que já participou do grupo e, atualmente, encontra-se inserido em outra atividade terapêutica deste serviço. As pessoas que participaram desta pesquisa tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado.

#### 3.3 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo qualitativo com o objetivo de desenvolver uma análise sobre as intervenções do Grupo de Atividades de Vida Prática e Lazer, utilizando a cidade como ferramenta para as ações de Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental.

A pesquisa qualitativa segundo Minayo et al.:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO et al., 1998, p. 21).

Pois, nesse tipo de abordagem “Aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1998, p. 22).

E, salienta que na pesquisa qualitativa é fundamental o envolvimento do pesquisador com o pesquisado:

Em lugar dessa atitude se construir numa falha de um risco comprometedor de objetividade, ela é condição de aprofundamento da investigação. A inter-relação, que contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia-a-dia, as experiências e a linguagem do senso-comum é condição *sine quo nom* do êxito da pesquisa qualitativa (MINAYO, 1993, p. 124).

### 3.4 COLETA DE DADOS

A coleta de dados aconteceu com a utilização da técnica de grupo focal.

Para Baeur e Gaskell (2002 *apud* GUARESCHI et al., 2010, p. 189) os grupos focais podem ser conceituados como “Uma técnica de pesquisa qualitativa, realizada através de um grupo de interação focalizada, o qual proporciona uma ampla e profunda discussão entre seus componentes sobre o tema em específico”.

A técnica de grupo focal, segundo Powell e Single (1996, p. 449 *apud* GATTI, 2005, p. 7) “É um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.

Os encontros do grupo focal aconteceram em horários diferentes das reuniões do Grupo de Atividades de Vida Prática e Lazer, que acontece semanalmente no CAPS II de Guaíba, para que não comprometessem os usuários que não demonstravam interesse em participar da pesquisa.

Foram realizadas quatro sessões com o mesmo grupo focal com duração, em média, de uma hora e meia cada sessão. Os encontros aconteceram no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) Guaíba em uma sala de grupos com mesa e cadeiras.

No primeiro encontro, foi proposta a atividade de visualizar fotos da cidade de Guaíba, conversando sobre elas, discutindo e comentando a partir da questão norteadora dessa primeira reunião: Quais são as percepções dos usuários do Grupo (AVP) e Lazer sobre a cidade? E, na segunda sessão, foram retomadas as imagens do encontro anterior, para o debate da questão norteadora: Quais os elementos que contribuem e que dificultam a relação dos usuários com a cidade?

No terceiro, houve uma continuação da discussão ocorrida no encontro anterior.

E, no quarto e último, foi proposto que cada participante da pesquisa identificasse no mapa da cidade de Guaíba os locais que eles realizaram atividades junto com o Grupo de Atividades de Vida Prática (AVP) e Lazer no decorrer do tempo de existência deste grupo resgatando sua história e trajetória a partir da questão norteadora deste encontro: Qual a contribuição do Grupo (AVP) e Lazer para a melhoria da relação dos usuários com a realização de suas atividades cotidianas nos espaços da cidade?

As sessões do grupo focal foram registradas por meio de gravações de áudio e transcrições documentais.

O emprego de mais de uma sessão é devido aos objetivos elencados, pois permite ampliar o foco de análise e cobrir variadas condições que possam ser relevantes para o tema (GATTI, 2005).

Para a seleção dos participantes, com a técnica do grupo focal, segundo Gatti (2005) privilegia-se que os participantes tenham algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho, que tenham alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal forma que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reação e a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2005, p. 11).

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados foram construídas três categorias a partir do referencial teórico desta pesquisa e também com base nos objetivos propostos: Conhecendo as percepções dos usuários sobre a cidade, Identificando os elementos que contribuem e que dificultam a relação dos usuários com a cidade e Compreendendo a contribuição do Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer para a melhoria na realização dos usuários com suas atividades cotidianas na cidade.

Os dados foram analisados utilizando o método qualitativo e obtidos através das quatro sessões de grupo focal.

Para Gatti (2005):

Ao iniciar os procedimentos de análise, a primeira atitude é retomar os objetivos do estudo e do uso do grupo focal para realizá-lo. Os objetivos serão os guias tanto para o processo escolhido de análise do material coletado, como para as interpretações subsequentes. Nas análises dos dados levantados com o grupo focal, os procedimentos gerais são os mesmos de qualquer análise de dados qualitativos nas ciências sociais e humanas (GATTI, 2005, p. 43).

A análise dos dados teve início logo após a primeira sessão de grupo focal. Como afirma Gatti (2005) não há necessidade de iniciar a análise somente depois do término da

coleta de todos os encontros do grupo, e destaca que iniciar a análise logo depois da primeira sessão ajudará no encaminhamento das atividades subsequentes, como a verificação de pontos não abordados e importantes para o estudo, ou tópicos abordados insuficientemente que poderá auxiliar. Gatti (2005, p. 51) “Na busca de certos esclarecimentos, na mudança de rumo da condução dos grupos, na introdução de questões”.

### 3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética de Origem. Todos os participantes ficaram cientes da utilização das informações como dados de pesquisa, conhecendo a proposta de trabalho e seus possíveis benefícios e, sem serem identificados, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A).

A Instituição na qual foi realizada a pesquisa também assinou um Termo de Autorização Institucional (ANEXO B), demonstrando estar ciente de todas as etapas decorrentes da pesquisa.

Salientou-se que a pesquisadora professora responsável e a aluna pesquisadora estavam à disposição dos entrevistados para dúvidas e esclarecimentos, antes, durante e após a pesquisa, e que o entrevistado poderia desistir de participar em qualquer etapa da pesquisa.

#### 4 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

O processo de reforma psiquiátrica no Brasil surge ao final dos anos 70, pautado na crise do modelo de assistência centrado no hospital psiquiátrico e nos esforços dos movimentos sociais pelos direitos das pessoas portadoras de sofrimento psíquico, no contexto internacional de mudança pela superação da violência asilar (BRASIL, 2005).

Para Amarante (1992), o movimento de reforma psiquiátrica brasileira teve grande influência do movimento de desinstitucionalização iniciado por Basaglia na Itália. No Brasil, surgem diversos serviços substitutivos ao modelo asilar, entre eles os CAPS.

O CAPS, segundo o Ministério da Saúde:

É um serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). Ele é um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida (BRASIL, 2004, p. 13).

Os CAPS são classificados de acordo com o número de habitantes do município. Subdividem-se em: CAPS I - municípios com população entre 20.000 e 70.000 habitantes; CAPS II - municípios com população de 70.000 e 200.000 habitantes; CAPS III - municípios com população acima de 200.000 habitantes; CAPS i - municípios com população acima de 200.000 habitantes e CAPS ad - municípios com população acima de 10.000 habitantes (BRASIL, 2004).

Ainda, para o Ministério da Saúde, Brasil (2004, p. 10), a principal função dos CAPS “É buscar integrá-los a um ambiente social e cultural concreto, designado como ‘seu território’, o espaço da cidade onde se desenvolve a vida cotidiana de usuários e familiares”.

Para Oliveira (2004, p. 16) uma das principais contribuições elaboradas por esse movimento foi a noção de território, e refere-se como sendo “Um espaço político que pode ser transformado a partir da intervenção nos espaços de produção de cultura, no sentido de reformular as relações sociais com a loucura”, conceituando território como:

Uma inovação que abrange, não apenas, a partir da nova geografia, o lugar físico, o lugar material, geográfico no sentido tradicional, mas também o espaço de trocas sociais, que a sociedade transforma em função da produção, da evolução social e econômica; sua ação inovadora abrange, ainda, as relações que se estabelecem com o espaço, com as pessoas que nele habitam (OLIVEIRA, 2004, p. 16).

Para as terapeutas ocupacionais Barros, Lopes e Galheigo (2007, p. 355) no território “Pode-se observar a produção de sentidos com diferentes maneiras de viver, trabalhar, e

realizar negociações culturais”. E colocam que essa noção de território exige que se ultrapassem os espaços de ação técnica, e, assim, identificam que na terapia ocupacional, deve-se promover, dentre outros, o “Descentramento da ação: do setting para os espaços de vida cotidiana” (BARROS; LOPES; GALHEIGO, 2007, p. 355).

Segundo Mângia (2000, p. 31), não só a terapia ocupacional, mas todos os profissionais envolvidos no processo da reforma psiquiátrica são cotidianamente, em sua prática, desafiados a invenção, e destaca que para a terapia ocupacional, há “O desafio de repensar a reabilitação a partir da vida cotidiana” e, assim como as autoras acima citadas, reforça que essa preocupação “Tem deslocado os setting experimentais da terapia ocupacional, para os espaços reais do habitar, do trabalhar e do conviver”.

Para Castro (2007), no campo da terapia ocupacional, o setting terapêutico se flexibiliza de acordo com o tratamento:

É vivido um período no qual as propostas de tratamento e de cuidado com o outro ganham dimensões muito próximas do dia-a-dia. Considerando-as potencialidades das atividades, vivências e necessidades do sujeito, na contemporaneidade é preciso pensar em um setting flexível-que se movimenta, se transforma e possa ganhar novas formas e contornos [...] a organização do cotidiano e os cuidados dos tempos e dos espaços, a circulação no território, a autonomia, a inclusão, sociocultural, a convivência e a idéia de potencialização de redes, enfim, toda uma viabilidade de ações e de criações no mundo e de organização da vida participam nessa composição (CASTRO, 2007, p. 31).

Para isso, a cidade deve ser levada em conta nas práticas de atenção à saúde mental, tomada como território múltiplo e cambiante, produtor de subjetividade, como espaço onde se desenvolve a construção de redes cuidadoras e de redes sociais, elementos, importantes para os processos de reabilitação psicossocial (TSCHIEDEL, 2010).

Fonseca (2008, p. 87) afirma, então, que a manutenção/fortalecimento dos laços sociais é um dos eixos norteadores dos processos de reabilitação psicossocial, “O usuário deverá modificar sua relação com a cidade”.

Caiafa (2007) coloca que a aventura própria das cidades:

Só vinga se é possível produzir o coletivo. A experiência da alteridade, que cria o espaço aberto, que renova os processos subjetivos, não sobrevive nos meios privatizados e controlados, orientados para o comércio, onde só o reconhecimento é possível [...]. Garantir o coletivo, lugar onde o imprevisível pode trazer a diferença, é condição fundamental para essa aventura (CAIAFA, 2007, p. 128).

Para Palombini et al. (2008, p. 40) “Conhecer a cidade, caminhar por suas ruas, explorá-la e se deixar tocar por ela é, com certeza, uma experiência que poderá fundar um lugar melhor para seu habitante”.



Conforme Castro:

Como os objetivos dos atendimentos de terapia ocupacional relacionam-se à construção de projetos singulares no campo da ação humana, estes podem variar no decorrer da realização dos acolhimentos, e serão também acordados mutuamente a cada etapa do processo terapêutico, sendo realizados em diferentes locais ou territórios onde transcorrerá a vida ou o projeto de vida de cada usuário. (CASTRO, 2007, p. 31).

A vida cotidiana de qualquer pessoa é composta por muitas Atividades de Vida Diária (AVD) e Atividades Instrumentais da Vida Diária (AIVD) ou Atividades de Vida Prática (AVP), assim como a educação, o trabalho, o brincar, o lazer e a participação social que são desempenhadas em diversos contextos e constituem um dos campos de intervenção da terapia ocupacional. As várias atividades que o indivíduo desenvolve ao longo de sua vida são consideradas, na terapia ocupacional, áreas de ocupação (MELLO; MANCINI, 2007).

As ocupações são classificadas em três categorias, segundo Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional:

a) Autocuidado que inclui as ocupações que a pessoa desempenha de forma a se manter numa condição que permita a função (cuidado pessoal, mobilidade funcional e o funcionamento na comunidade);

b) Aspectos de produtividade que inclui as ocupações que visam a preservação econômica, manutenção do lar e da família, trabalho voluntário ou desenvolvimento pessoal (trabalho remunerado ou não, manejo nas tarefas domésticas, escola e brincar);

c) Aspectos de lazer que inclui ocupações desempenhadas pelo indivíduo quando está livre da obrigação de ser produtivo (recreação tranquila, recreação ativa e socialização) (MAGALHÃES, 2009).

As atividades de vida diária são as atividades relacionadas com o cuidado do indivíduo para com o seu próprio corpo. As atividades de vida prática (AVP) são orientadas para a interação com o ambiente e são freqüentemente complexas, geralmente opcionais por natureza (MELLO; MANCINI, 2007).

Para Heller (*apud* Castro, Lima e Brunello, 2001, p. 49) o cotidiano “é a vida de todos os dias, e de todos os homens; é o mundo da rotina em que a repetição das atividades permite a recriação permanente da vida social”.

Para Quarentei (2006, p. 3), a vida humana constitui-se em uma de suas dimensões num continuum incessante de atividades, um continuum não linear, de comportar trajetos cheios de simultaneidade, bifurcações, interrupções, confusões, padrões complexos de auto-

organização [...]”. E continua: “As atividades humanas, como qualquer atividade do vivo, não são de modo algum apenas realizações de tarefas, produções de produtos ou aquisições”. São acontecimentos de vida com dupla vinculação: estão ligados as necessidades, isto é, ao que é necessário a continuidade seja do ponto de vista da sobrevivência do crescimento, da sociedade, da cultura, etc.

As atividades realizadas nesses encontros pela cidade são muitas, e seu desdobramento também. O descobrir e circular pela cidade promove uma nova relação do sujeito com o seu cotidiano. Para Castro, Lima e Brunello na terapia ocupacional:

As atividades são recursos que proporcionam um conhecimento e uma experiência que auxiliam na transformação de rotinas e ordens estabelecidas e oferecem às pessoas instrumentos que sejam para seu próprio uso, ampliando a comunicação, permitindo crescimento pessoal, autonomia, interação social e inclusão cultural (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 56).

Ou como nos coloca Furtado (1999), as atividades possibilitam o cuidar de si, experimentar como produtor, constituir-se pertencente e, construir uma nova ação no mundo.

Pois, a utilização da atividade como recurso terapêutico no percurso histórico da terapia ocupacional, nas últimas décadas, segundo Castro, Lima e Brunello (2001) passou por uma clara reorientação na direção da intervenção, da mera associação de “Uma ‘ocupação’ esvaziada de significado e distanciada das necessidades reais dos sujeitos” para um processo de ressignificação do cotidiano e produção de vida (QUARENTEI, 2001).

Francisco (2005, p. 74) aponta que “A incorporação da expressão atividades de vida diária ao vocabulário da Terapia Ocupacional é marcada pelo surgimento da reabilitação”, com a preocupação do cotidiano da pessoa que apresenta problemas físicos, cujo principal objetivo era a independência nas atividades de vida diária, então as primeiras intervenções foram caracterizadas as destinadas aos cuidados pessoais (FRANCISCO, 2005).

Posteriormente, no desenrolar do trabalho de terapia ocupacional, outras atividades realizadas pelo homem no seu cotidiano foram sendo incorporadas, ampliando o repertório de atividades em terapia ocupacional e seus campos de intervenção e pesquisa.

Quarentei acrescenta que “O repertório de atividades terapêuticas inclui, hoje, a diversidade das ações humanas como: compartilhar, ouvir, grupalizar, conhecer, aprender... junto ao cozinhar, escrever, passear, pintar” (QUARENTEI, 1994, p. 26).

Pensando no contexto da reabilitação psicossocial, Saraceno nos coloca que:

O processo de reabilitação seria, então, um processo de reconstrução, um exercício pleno de cidadania, e, também, de plena contratualidade nos três grandes cenários: habitat, rede social e trabalho com valor social (SARACENO, 1996, p. 16).

Com a proposta da reforma psiquiátrica e os processos de reabilitação psicossocial, a terapia ocupacional, assim como as demais disciplinas precisaram repensar e inventar novas práticas, para lidar com a complexidade das demandas que o trabalho na saúde mental exige, “As atividades passam a ser elementos importantes no movimento de desconstrução de uma lógica excludente e alienante” (CASTRO, LIMA, BRUNELLO, 2001, p. 45).

Para essas autoras, outros sentidos são dados às atividades que:

Passam a ser vistas e valorizadas como elemento articulador entre o sujeito e sua comunidade, representando, assim, oportunidades de encontro e diálogo entre os diferentes indivíduos da sociedade e possibilitando a emergência de produções significativas e desalienadoras, que envolvem um sujeito inserido em determinado tempo e espaço (CASTRO, LIMA, BRUNELLO, 2001, p. 45).

Para as terapeutas ocupacionais Barros, Lopes e Galheigo:

Sua ação transcende aquilo que se compreende como setting terapêutico e busca provocar uma resposta coletiva que contribua para a recomposição do jogo de forças sociais, da tessitura da rede social, tendo a cultura e a cidadania como eixos articuladores de sua intervenção. É importante que o técnico entenda essa intervenção como uma estratégia de ação que parte do individual para o coletivo e retorna ao individual (BARROS, LOPES, GALHEIGO, 2007, p. 137).

Dessa forma, a cidade como ferramenta para as ações no trabalho da saúde mental e a atividade como dispositivo passaram a constituir na Terapia Ocupacional um campo prático de pesquisa e reflexão, sendo reconhecidos como importante recurso a ser estudado e investigado.

## 5. DISCUSSÃO

A análise dos dados inicia com a categoria Conhecendo as percepções dos usuários do Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer, após com a Identificação dos elementos que contribuem e que dificultam a relação dos usuários com a cidade e termina com a análise da categoria compreendendo a contribuição do Grupo de Atividade Prática (AVP) e Lazer para a melhoria da relação dos usuários com suas atividades cotidianas na cidade. Os nomes dos participantes foram trocados para manter o sigilo.

### 5.1 CONHECENDO AS PERCEPÇÕES DO GRUPO SOBRE A CIDADE

A partir de suas experiências e vivências como moradores da cidade de Guaíba, os usuários do Grupo de Atividades de Vida Prática (AVP) e Lazer expõem o que pensam sobre os diferentes pontos da cidade, contribuindo com críticas e sugestões.

A seguir, apresento alguns relatos emergidos através da atividade de olhar fotos que remeteu a lembranças, recordações, sentimentos do local e do momento em que elas foram tiradas e dos assuntos provocados por elas.

*“Pra mim, tinha que tirar um pouco das farmácias, né? Não tem muita loja de roupas, o que tem mais, é farmácias, né? E botar um cinema”* (Gabriel).

A rua São João é o principal ponto de comércio da cidade. Onde está localizada a maior parte das lojas de eletrodomésticos, eletroeletrônicos e móveis, lojas de variedades e bazar em geral, bem como muitas farmácias, como ressaltado pelos participantes do grupo: *“Só numa foto dá pra ver três farmácias”* (Maria).

No centro, são realizadas muitas atividades de vida prática (AVP) que foram lembradas pelo grupo, dentre elas: *“pagar luz, água, pegar ônibus”, “correio”, “lotérica, jogar jogo”, “compras”, “ir no mercado, ir na farmácia, assistência social, ir no advogado, na juíza”, “ir na loja”, “ir nos advogados”, “tomar um sorvete”, “ir na galeria”, “ir na farmácia se pesar”, “ir nas operadoras comprar cartão”, “ajudar a família para não pagar passagem, restaurante, almoçar”, “ir no cachorro-quente americano”, “mercadão”*.

E é no centro onde se localizam os principais espaços públicos e coletivos da cidade de Guaíba. Destacam-se as Praças da Bandeira e da Juventude (Praça da Maçã), o Parque Ruy Coelho Gonçalves (Coelhão), a “Beira”, a Escadaria, a Biblioteca, o Museu, dentre outros.

Segundo a Secretaria de Turismo, Desporto e Cultura – SETUDEDEC - do município, Guaíba é uma das poucas cidades localizadas em um ambiente urbano que pode contar com

uma orla e com um trecho de Mata Atlântica em pleno centro da cidade. Uma das atividades turísticas e de lazer que mais possui frequentadores é a famosa "Beira" no centro da cidade, constituída de um calçadão principal na avenida João Pessoa com bancos e um pier, o qual se localiza no centro da "Beira", podendo se avistar a capital gaúcha, Porto Alegre (Wikipédia).

É reconhecida pelos participantes que compõem o grupo, como *"uma área de lazer", "local para caminhar ali, para fazer física, né? Perder, queimar as calorias, né?"*, *"caminhar, passear, tomar chimarrão, namorar, quem namore"*, *"comer um xis, cachorro-quente, tomar refri"*, *"passear com um cachorrinho"*. Para Mateus dá até para *"Curtir o vento, né?"*.

Já para Lucas: *"O que tem de bom, tem de ruim, o pessoal vai para fumar maconha. Lá no pier, naquele negócio, no trapiche, a policia faz batida, lá. É muita bebida, a gurizada bebe demais no domingo, chega à noie, aí que eles bebem demais. Briga. Tem de bom, tem de ruim"*.

Outra participante salienta que a beira vem passando por um processo de revitalização: *"Dá pra ver as luminárias que a prefeitura colocou, agora, ali tá muito mais bonito como ponto turístico agora de noite, ali. As luzes ficam acesas, fica muito legal aquele caminho, cheio de bancos [...] Dá pra fazer lanche, dá pra conversar, olhar a paisagem ali, o rio, Porto Alegre, tudo, eu adoro andar de ônibus por ali, passar pela beira e ver aquela imagem até o rio vai sumindo assim, Porto Alegre"* (Maria).

Também relataram o que imaginam que as pessoas fazem na beira: *"Aqui na beira do Guaíba, aqui na sombra tendo uma sombra, muitos vão para sentar, tomar um ar, vão ver as matas, vê o rio, nadar, pescar..."* (Ana). *"Pescar, pegar peixe, tomar banho"* (Amanda).

Avaliam que precisaria mudar nesse espaço: *"A violência. Tinha que botar uma iluminação naquele trapiche... eu acho que tem uma iluminação... é tem muitas lâmpadas que não funcionam[...]* Eu gosto da beira, só que tem muita violência, assalto, eu já vi"(Pedro).

E identificam que este espaço é mais convidativo para as pessoas mais jovens: *"É que lá é para um público mais jovem, eu já passei dos 40, é outro público, mais jovem, né?"* (Lucas).

O Parque da Juventude ou Praça da Maçã, como é mais conhecido entre os moradores da cidade, possui campo de futebol, quadra poliesportiva, playground, pista de skate e patins e rampa para caiaque. Localiza-se no centro da cidade (site da prefeitura). É considerado como uma dos melhores espaços da cidade pelos participantes que frequentam o grupo: *"Agora essa aqui é bonito, um dos lugares mais bonitos para as crianças e os jovens"* (Maria).

O grupo destaca que muitos eventos acontecem neste espaço: *"Praça da Maçã que tem show, fazem show de rock para a gurizada e aqui é a pista de skate"* (Maria), *"No dia da*

*Bíblia, é um lugar bom*” (Lucas), *“O festival Raul Seixas é feito ali, é um festival de bandas locais e da grande Porto Alegre”* (Maria).

Também é considerado um lugar para passear com a família: *“É um ponto de encontro dos familiares no final de semana e dia de semana no turno da tarde, né? O pessoal caminha, caminha bastante, né?”* (João). *“Há as pessoas no final de semana costumam levar os filhos, andar de balanço, andar de gangorra, ficar descansando ali as pernas, ficar caminhando no calor, no sol, né? Tomar um chimarrão, tomar um cafezinho, né? Um refrigerante, né? As pessoas costumam fazer isto daí no verão, né?”* (Gabriel).

Porém consideram que poderia haver algumas modificações: *“Mais guarda, mais iluminação e mais proteção pra ver o show que a Maria disse, ah, tá pouco iluminado, porque eu já fui assaltado às sete e trinta da noite”* (Pedro).

Outro participante relata que gosta da praça devido aos bancos para sentar na sombra, também identificam atividades para fazer na praça da maçã, como: *“Namoram, marcam encontros para comer sorvete, pipoca, bastante coisa”* (Pedro), *“Se distraem”* (João), *“Se divertem”* (Ana), *“Dá pra caminhar, comprar sorvete, refri”* (Amanda).

Já a Praça Gastão Leão ou Praça da Bandeira é uma praça conhecida pelos eventos que acontecem, dentre eles, a Feira do Livro, mas também é identificada pela praça dos *“Banheiros fedorentos”*, como relatada por Pedro e afirmada pelos demais participantes que deram muitas risadas e provocou muitas lembranças: *“Eu me lembro do meu falecido primo que se enforcou, que me levava para passear, eu me lembro quando eu era pequeno, era bem silencioso, o dia que eu fui, sabe? Eu era criança, mas eu me lembro bem, bem onde era o jornal, O Gazeta, tinha um bar do Zé, tinha um bar ali, onde era o Gazeta, tu lembra Lucas? [...] Que tem um bar na rua do Bradesco mais pra baixo agora [...] é o do Zé, só que ele tinha um bar, tinha uma lancheria onde era o jornal, meu primo me levava para comer lá, dava picolé e tudo mais coisas, era novo ainda, passei bastante com ele quando era criança, mas eu me lembro”* (João). *“No passado tinha muita prostituição* (Maria). *“Ihh,... ligeiramente, me sento na pracinha da bandeira, só que eu não gosto muito de ficar ali, junta uns maus elementos, ali, ai não é muito bom de ir”* (Pedro).

O grupo também ressalta que há um projeto de revitalização para esta praça: *“O que eu ia dizer, tem um outro projeto, numa praça, tá na capa do jornal, O Guaíba, não sei se é a praça da maçã ou é a praça da bandeira, bem moderna, não é desing?”*(João).

No Parque Municipal Ruy Coelho Gonçalves, mais conhecido como Coelhão, os participantes do grupo comentam o que as pessoas costumam fazer neste espaço, como *“Passear, fazer jogo, ficar sentado embaixo de uma árvore”, “Sentar embaixo de uma*

*árvore, no banco, eu quero sentir até o aroma”, “Isso mesmo sentir aquele ar fresco... namorar”, “Caminhar, corridas”, “Naquele campo de futebol dá para fazer corridas”.*

Os participantes lembram que havia um mine-zoológico (porém não existe mais) e os eventos que acontecem no parque como: a Expofeira, a Feira de Indústria e Comércio, campeonatos esportivos, eventos da Semana Farroupilha e outros. Localiza-se na Rua 20 de Setembro, no centro da cidade. Aberto diariamente (site da prefeitura).

Já a Escadaria 14 de outubro, - um ponto turístico da cidade de Guaíba -, considerado pelo grupo, que brincam: *“É difícil subir, descer é fácil”*, a escadaria contém 142 degraus. O grupo avalia que vale a pena subir todos os degraus, pois é possível ter uma *“Vista panorâmica”* da cidade. Colocam que dá para tirar fotos, sentar, descansar, cansar, dá para atalhar o caminho, e ressaltam: *“De noite é perigoso, porque as pessoas usam drogas... a gente até poderia pegar um atalho quando vai para o centro”* (Maria).

Olhando e comentando as fotos, também proporcionaram lembranças: *“Quando eu ia com a minha mãe eu só... o consultório do Doutor é acima do Hospital Livramento, então às vezes eu ia sozinha, sabia, eu sabia ir, eu sei de primeira eu não tinha noção das coisas, confusa, eu não dizia coisa com coisa, eu não atinava fazer nada por mim mesma, por minha força. Porque eu era uma guria normal, por causa com o estudo pra mim foi muito forte, eu acabei ficando doente, com 12 anos eu fiquei doente”* (Ana).

Outros bairros, além do centro, foram comentados. Cada um dos participantes deste encontro falou um pouco do seu bairro e conversaram entre si sobre os bairros que conhecem.

A COHAB foi o primeiro bairro comentado, a partir de Amanda, moradora deste bairro que identificou pontos de referência, como o colégio que estudou, lojas e Posto de Saúde. O grupo comenta que *“é um bairro bom para passear”*, comentam que acharam bom o Posto de Saúde, avaliam que tem bastante espaço. Comentam que saiu no jornal que a COHAB é o maior bairro de Guaíba com 12 mil habitantes, a pesar de acreditarem que poderia ser o bairro da Colina ou o Centro. De maneira geral gostam deste bairro, e reforçam que é maior do que a Colina.

Gabriel, morador da Colina, acha o bairro muito bom, conta que em seu bairro tem: *“Duas farmácias, farmácia do Luiz, Agafarma que não manipula remédios só compra ali não é igual a do centro, né? Veterinária que é agropecuária, né? Mercado do Paulinho que não é mais mercado do paulinho agora, né...loja mobilar, ferragens”* (Gabriel).

Já Pedro acha a São Jorge *“horível”*, pois *“não tem uma farmácia, tudo que é bairro que eu já fui em Guaíba: Colina, COHAB, Santa Rita tem farmácia, só na São Jorge, não tem. Daí tem que sair da São Jorge porque ali não tem [...] não gosto da São Jorge, não tem,*

*tudo é esburaqueiro*". Os outros concordam e avaliam que o bairro é "*Mal cuidado*", "*Tem bandido*", "*Morte*", e que as ruas não são asfaltadas.

Vila Elza, bairro onde mora o Mateus, é considerado pelo grupo um bairro nobre da cidade, "*Um bairro bom*". Mateus também mora na Chácara das Paineiras, quando está com o seu pai, e o grupo considera também este um "*Bairro bom*".

O Parque 35, bairro onde está localizado o CAPS, é "*Mui bueno*", "*O melhor de Guaíba*", pois: "*É pertinho do centro. Dá pra ir a pé por tudo, correio, polícia, mercado, farmácia, dá pra ir tudo a pé*" (Maria).

Maria lembra que não tem fotos do seu bairro Alvorada: "*Alvorada é bom, é perto de tudo, mas como a criminalidade tem em tudo que é bairro, aí fica meio perigoso sair em certos horários, mas tem escola na minha esquina, meu filho vai na escola na esquina, tem farmácia, tem correio, tem lotérica, tem de tudo*".

Para Pedro este também "*É o melhor bairro*", pois "*É lá onde me criei, eu estudei naquele colégio [...] tem lembranças boas e lembranças ruins, mas eu gosto das boas [...] conheci bastante gente, estudei com os melhores professores*".

A seguir, os usuários do Grupo contam o que pensam sobre a cidade de Guaíba e como é viver nesta cidade:

*Pedro: "Ai, tinha que mudar"!*

*Mateus: "Eu acho boa para viver quando eu vou para outra cidade lá em Porto Alegre eu fico com saudade de Guaíba aí quando eu não volto eu não me sinto satisfeito"*.

*Maria: "Eu gosto daqui, porque dá onde eu moro ali da Alvorada dá para ir a pé do centro da para vir pro hospital a pé, aproveita faz exercício e tudo, só tem que estar bem, porque eu tenho cãibra, aí eu já levo a carteirinha na mão qualquer coisa eu pego o ônibus. Dá para passear tranquilo é um lugar bonito, tem vários shows que a cidade faz gratuito, até a banda do Nenhum de Nós já veio aqui se apresentar, como é nome daquele show grande que teve, da Toyota"*.

*Lucas: "É um lugar bom para se morar é cidade dormitório, né? Sair daqui para trabalhar em Porto Alegre. Uma cidade bonita, turística. Gosto porque tem que morar, né. Eu queria morar é em São Paulo"*.

*João: "É eu morei a maior parte dos meus dias em Guaíba, né? Vim de lá com um ano. Em Porto Alegre eu caminhei muito quando eu não me tratava então é muito difícil eu aproveitar qualquer coisa que uma pessoa normal tinha a capacidade de enxergar e aproveitar né? ... um dia eu acho que eu consegui"*.

*Amanda: "Eu gosto. Eu morei em Canoas lá no Guajuviras"*.



Assim, foi exposto um pouco sobre as percepções dos usuários do grupo sobre a sua cidade, a seguir apresento os fatores que facilitam e dificultam a relação dos usuários com a cidade.

## 5.2 IDENTIFICANDO E ANALISANDO OS ELEMENTOS QUE CONTRIBUEM E QUE DIFICULTAM A RELAÇÃO DO GRUPO COM A CIDADE

Pelos relatos dos participantes que compõem o grupo, observam-se dois momentos principais, em relação ao habitar a cidade, antes e após a experiência do sofrimento mental. Suas falas são marcadas pela ocupação de espaços da cidade como a Praça da Maçã, o Centro, a Beira, locais de trabalho, educação e lazer, antes do adoecimento. Após, as saídas de casa para a cidade se tornaram menos frequentes.

*João: “Não sei, talvez, eu fiquei, mais em casa né? Antes de eu começar a me tratar eu ia seguido lá na beira. Tinha bar lá, tinha banda tocando lá na beira lá, [...] tinha várias bandas lá...aí depois eu comecei a ficar mais em casa né? Eu não sei o que houve, eu fiquei gordo também né? Eu acho que uma coisa que tem, eu me dei muito mal eu acho, escutando as vozes, eu ia para a beira sempre”.*

*Ana: “Mercadão. Eu ia fazer compras, eu ia almoçar, eu ia tomar café, eu ia tomar batida”. “Não, eu não fui mais, não eu ia sempre, antes do meu irmão me assumir, eu ia mais, eu ia no centro para alisar os cabelos, ou então para trabalhar de faxineira ou de definitivo. O mano não deixa”.*

A experiência do sofrimento psíquico é vivenciada e sentida de forma singular pelo sujeito que sofre. Para Fagundes (2009, p.103) “É preciso conhecer como é que a experiência de sofrimento dessa pessoa e quais são as estratégias que ela já encontrou na vida para lidar com este sofrimento”.

Segundo Oliveira (2004, p.57) “a experiência de reforma italiana propiciou a construção de novas possibilidades de compreensão e tratamento da loucura, a partir do reconhecimento da doença mental como um sofrimento psíquico do sujeito”.

Amarante (2008) reforça a ideia a partir de Basaglia, que a doença deve ser colocada entre parênteses para que encontremos e nos relacionemos com o sujeito que ali está escutando e acolhendo suas angústias e experiências vividas.

*Mateus: “Eu no grupo frequento, principalmente, e fora do grupo eu vou também no verão com o meu pai sentar na cadeira de praia e ficar curtindo ali...mais tarde, mas não no horário dos remédios, nos horários da medicação eu tomo quando não é o horário da*

*medicação dai eu vou com ele lá para curtir a beira eu fico até quando der, quando não for o horário do remédio, fico cuidando direitinho.*

*João: “Tomam chimarrão, descansam bem, descansam a cabeça, ou lê um livro né. É uma coisa que eu não consigo até tendo em vista a minha doença né, que eu não consigo, mais eu sei como é que é, eu já tive uma certeza quando uma pessoa lê um livro e consegue sentir e é uma coisa que eu fazia se eu pudesse era ler um livro lá na beira sentado lá. Para muitas pessoas é um lugar bom de sentar e ler um livro”.*

Segundo Mângia e Muranoto (2007, p. 59), os sujeitos que passam pela experiência do sofrimento psíquico, “Tendem a perder suas relações de amizades, fora do âmbito familiar, estas vão sendo enfraquecidas na medida em que os processos de ruptura e vulnerabilidade das pessoas se reproduzem e não encontram o suporte necessário”.

João, quando questionado se levaria alguém para passear na Vila Elza, lugar que gostou de conhecer, disse: *“Até um sonho, pra mim chega a ser isso, né? [...] Ué, porque eu sou muito sozinho.”*

E conta: *“Eu de primeira ia muito lá jogar bola no campinho da rua lá. Vinha gente da Vila Nova do Parque 35 de Madeireira de tudo que é lugar da Colina se juntava lá e pegava bola... é eu não sei mais te dizer. Parece que todo mundo parou de ir lá”.*

A questão do preconceito, também, foi apontada pelos participantes do grupo como um elemento que dificulta se sentir bem recebido e acolhido nos lugares. Pedro faz referência a duas situações, em que sentiu discriminado em dois bairros e no transporte coletivo da cidade: *“Tem pessoas que não gosta de pessoa negra, não gosta de pessoa de cor morena” e “Hã, raça como, raça sexual, preconceito com as pessoas que tomam remédio... Quando a gente entrar no ônibus, o motorista ou o cobrador ou cobradora ou motorista mulher ou motorista homem não ficar rindo da cara dos outros, entendeu? [...] o motorista não ficar debochando, largando piadinha, não é só motorista, é o cobrador e cobradora”.*

Maria concorda com Pedro: *“Só que eu concordo com o Pedro aquela parte dos ônibus eu já faço, to em tratamento há quase 10 anos e no começo os motoristas não paravam pra mim era uma luta, tinha que ficar quase no meio da faixa com o braço quase todo para fora assim que eles não paravam pra mim, né? era só mostrar a carteirinha que eles saiam andando”.*

Para Amarante (2007, p.73) as transformações ocorridas desde a reforma psiquiátrica devem contribuir para a “Construção de um novo imaginário social em relação à loucura e aos sujeitos em sofrimento, que não seja de rejeição ou tolerância, mas de reciprocidade e solidariedade”.

A experiência de sofrimento psíquico, como se observa pelos relatos dos participantes, “Passam por um processo contínuo e acelerado de esgarçamento das relações sociais e redução na participação em atividades produtivas, de lazer e de autocuidado” (FONSECA, 2008), assim como provoca uma mudança na forma de se relacionar e habitar a cidade, local onde são realizadas muitas das atividades que compõem o cotidiano de várias pessoas e são significativas para elas e, devido à experiência de sofrimento mental, são deixadas de fazer.

Assim como a fala da D. Ana que disse que, atualmente, não passeia mais na Beira, porém, quando criança, frequentava: *“Nunca fui. Pra dizer que nunca fui, eu fui, nos trapiches que tinha na beira do rio e não no trapiche que tinha, tinha uma lancheria enorme (onde é a beira) daí o meu pai me levou...o pai comprou para mim, porque o meu pai, ele onde ia, ele me levava junto. Porque eu dei muito trabalho para eles, né?”*

A relação familiar também apareceu como um fator que pode dificultar a relação com os espaços da cidade. No relato a seguir, D. Ana, quando questionada sobre os meios de transporte da cidade, lembra-se da época que andava de ônibus sozinha e agora que vem de carona com o irmão: *“Desde que ele me assumiu é ordem do juiz, eu sou interditada, né?”. E continuando: “Eu de primeira frequentava muito, eu saia muito de ônibus eu trabalhava em Porto Alegre, né? Eu pegava dois, eu pegava o, eu pegava aqui o Vila Nova descia até o centro e depois no centro eu pegava o Guaíba aquele o pegava o Fátima, às vezes, eu desembarcava tinha que pegar os remédios ali do Caps então eu retirava, às vezes não tinha então eu ia lá na Galeria do Rosário retirar os meus remédios então aí depois eu pegava o outro ônibus até a lancheria que eu trabalhei três anos né só parei quando eu ganhei o guri aí depois ele não deixou trabalhar mais, não precisava, tinha compromisso comigo e com as crianças não precisava estar passando trabalho que tinha condições de me dar as coisas e pro guri também né aí eu achei muita falta do meu guri, mais Deus sabe o que faz né Rafaela? Eu perdi ele com 6 meses né e depois em seguida perdi ele, sofremos um acidente e já não deu”.*

Ou como no caso da Amanda, que relata saídas de casa, somente acompanhada por algum familiar. Os participantes relembram o momento da entrada de Amanda no grupo, quando fomos conhecer o seu bairro e sua rotina:

*Maria: “Eu me surpreendi com uma coisa, a gente foi com o intuito de ensinar a Amanda a pegar ônibus, mas ela quem ensinou todo o mundo”.*

Outro fator que dificulta a participação e a ocupação de espaços da cidade é o econômico. Para Mângia e Muramoto (2005, p.27): “A população que sofre algum transtorno mental é geralmente caracterizada por transitar entre as zonas de vulnerabilidade e desfiliação”.

Mângia e Muramoto (2005) citando Castel colocam que a zona de vulnerabilidade indica uma relativa inserção no trabalho, porém uma inserção social precária e, na zona de desfiliação, o indivíduo se encontra excluído do mercado de trabalho, apesar de ser apto para o mesmo, e ao mesmo tempo não dispõe de nenhum tipo de apoio sócio-relacional.

Para Lucas, o preço da passagem da barca: *“Tem que baixar. As barcas tem que baixar. Tá muito salgado ainda. Pro pobre da vila poder andar”*.

*Pedro: “Ainda não andei, ainda [...] muito caro. De segunda a sexta, 6 reais”*.

*Gabriel: “O Maria a gente podia ir no cinema, né?”*.

*Maria: “Também, e mais é muito caro, tomara que o Espaço Cultural passe filme pra gente. Daí dá pra gente se reunir e ir ali ver... eles faziam...”*.

Com isso, ocorre em algum grau à diminuição do poder contratual em alguma esfera da vida, como aponta Saraceno (1996).

Ao mesmo tempo em que passar pela experiência do sofrimento psíquico poderá modificar a relação com a realização de atividades e a apropriação de espaços da cidade, outras experiências da contemporaneidade vem provocando alterações na forma das pessoas se relacionarem com o espaço urbano, havendo um afastamento desses espaços.

Caiafa (2007, p.23) aponta que para muitas pessoas “Já não vale mais à pena ir à cidade para uma sessão de cinema”. Por reter em casa, a televisão, afeta o povoamento das cidades. E cita outros exemplos: “Comprar via computador ou via telefone envolve ausentar-se da caminhada nas ruas, a televisão retém em casa e trabalha em algum grau contra a cidade e o cinema, mesmo que essas relações não sejam causais nem de simples determinação” (CAIAFA, 2007, p. 25).

São as novas organizações da comunicação, que segundo Caiafa (2007): “Vem ensejando, grandes mudanças nos padrões perceptivos, na produção artística e subjetiva, na forma de ocupação espacial e temporal no meio urbano”.

A 8ª Bienal do Mercosul (2011), recentemente, chamou atenção para a “Cidade não vista” com intervenções pelos espaços públicos que, muitas vezes, “Não são percebidos pela população” nos dias atuais, “Seja pelo automatismo que costuma caracterizar a experiência na cidade, seja pela dificuldade de acesso ou, ainda, por estarem fora do imaginário coletivo” (ALVES, 2011, p. 360). E compartilha a ideia que as novas tecnologias de comunicação como “A mobilidade da telefonia celular faz com que as pessoas acabem abandonando os espaços públicos e coletivos” (CÉSAR, 2011, p. 416).

Caiafa (2007) chama esse processo de abandono dos espaços públicos e coletivos de privatização da cidade ou desurbanização. Porém, estas novas tecnologias oriundas do

“ocidente capitalista” (CAIAFA, 2007), ainda não tem presença tão significativa no cotidiano dos moradores da cidade de Guaíba que compõem o Grupo de Atividade de Vida Prática e Lazer. Pois, esses, ainda privilegiam os espaços coletivos como sendo os lugares para a realização de suas atividades cotidianas, como ir à biblioteca para acessar a internet, conversar com outros usuários desse serviço, ir à praça para descansar, assistir um jogo de futebol no ginásio, filmes no museu... Apesar de haver momentos que é difícil a realização dessas atividades, devido aos fatores já citados.

Claro, como já foi dito, a experiência do sofrimento psíquico dificulta a relação com os espaços da cidade, mesmo com a existência de elementos que contribuam para sua melhora, porém, o grupo indica alguns pontos que dificultam o habitar nestes espaços comum a todos, como a presença da violência - brigas, assalto, morte, drogas -:

*“Não, acho que as lembranças das drogas me afastam dali também. Até é bom por um lado eu não...”* (João).

*“Eu! Assim, como eu to falando. Domingo, sábado eu subi e descii aquela escadaria, é bom para fortalecer, né? Mas dói. Vai bastante gente, só não pode ir de noite”* (Pedro).

*“De noite é perigoso, porque as pessoas usam drogas... a gente até poderia pegar um atalho, quando vai para o centro”* (Maria).

Faltam iluminação e segurança em alguns pontos da cidade. Bairros identificados como malcuidados e com pouca infraestrutura. Má conservação de banheiros e espaços públicos, dentre outros: *“Arrumar os buracos das ruas”, “Asfaltar as ruas”, “Menos farmácia”* e mais lojas. Nas praças e parques: *“Podia estar mais iluminada e cuidada, botar guarda, botar mais iluminação”*, limpeza dos banheiros, mais atrações e eventos gratuitos.

Neste sentido, o município de Guaíba, vem passando por transformações desde a criação da barca que realiza, diariamente, a travessia de muitas pessoas entre Guaíba e Porto Alegre. Esta novidade trouxe mudanças no cotidiano da cidade:

*“Eu parei, ontem de tardezinha na nova obra de Guaíba, onde vai ser os ônibus vão passar agora. Eu achei interessante [...] Já tão fazendo um asfalto... os ônibus vão para tudo pelo Castelo Branco”* (Pedro).

Novas pessoas transitam pela cidade, projetos de revitalização estão sendo elaborados, como na Praça da Bandeira, surgem empreendimentos, bares e restaurantes.

*“Eu passei lá na beira ontem. Tinha uns rapazes da Colombia lá de jet ski”* (Lucas).

*“Eu conheci um casal de chilenos que eu te falei [...] Mas daí eu escrevi: fala em português porque na língua deles eu não consigo [...] A barca. Olhar os movimentos dos*

*ônibus, pessoas... até o casal de chilenos. É eu te falei. É tem bastante movimento diferente. Eu to gostando”* (Pedro).

Para Caiafa (2007, p.119) a cidade:

Se constitui como exterioridade, como exposição, acolhendo estrangeiros, fazendo-mesmo para os que estão em casa-desse estrangeirismo um devir. Há uma constante mobilização, que é em parte física, mas envolve uma transformação mais forte, um investimento na diferença e na singularização. Gera-se uma inquietude (CAIAFA, 2001, 2002), característica dos meios urbanos, que nos faz desejar ir além do reconhecimento das pequenas vizinhanças, sair à rua, experimentar novos lugares e enfrentar os riscos do imprevisível (CAIAFA, 2007, p. 119).

Espaços abertos como praças e parques são áreas coletivas - por sua natureza como a presença de árvores que fornecem sombra e sua estrutura como a existência de bancos, banheiros, iluminação - de forma geral facilitam o acesso e a relação com a cidade.

Quando questionada, se haveria a possibilidade de realizar um piquenique na Beira, Maria responde: *“Dá, tem a grama, tem duas pracinhas grandes, uma fora de grade e outra dentro de grade nas praças ali”*.

Outras atividades foram citadas pelo grupo como possíveis de serem realizadas nesses lugares: caminhar, fazer atividade física, namorar, descansar, dentre outras.

A presença desses espaços, como é o caso do município de Guaíba, proporciona a seus habitantes a oportunidade de convivência, melhorando a relação com a cidade. Guaíba tem muitas praças e parques abertos, além dos citados, há muitos outros em seus bairros.

O grupo aponta, ainda, outros elementos que facilitam a relação com a cidade, como a existência de eventos gratuitos, como: shows, festas e feiras, o acesso à internet, proporcionada pela Biblioteca Municipal. A retomada de sessões de filmes no Museu pode facilitar a convivência nesse espaço, além de ampliar o convívio com outras pessoas da cidade. A criação de mais opções de espaços de lazer para diferentes faixas etárias pode atrair outros públicos.

O local de tratamento ser aberto e no território, também, proporciona uma melhor relação com a cidade:

*Quando eu era doente eu era pequeninha eu era doentinha e depois que eu melhorei mas os nervos eu não melhorei ainda, então ele (pai) ia me visitar no Hospital São Pedro [...]. Eu vivia mais no Hospital São Pedro do que em casa, era nos meus anos, era no natal, era no primeiro do ano, era no meu aniversário. Passei tudo isso no hospício”* (Ana).

*Mateus: “Eu acho boa para viver quando eu vou para outra cidade lá em Porto Alegre eu fico com saudade de Guaíba aí quando eu não volto eu não me sinto satisfeito”*.

*João: “Agora que vocês falaram em saudade quando eu tava na Pinel, internado na Pinel eu sentia saudade da minha mãe, sabe? Dava um sentimento uma coisa assim que eu tava longe dela eu só podia telefonar para o hospital a cobrar aí eu telefonava pra ela, agora que eu não to no hospital eu fico perto dela bastante tempo”.*

Também o estar em grupo facilita a relação com os espaços da cidade e na realização das atividades - que será analisado no próximo capítulo -:

*“Quando tem alguma coisa interessante daí eu vejo no jornal sempre o que tem em Guaíba e daí eu vou. Sem eventos não vou. Porque eu tenho medo de assalto naquele campo que tem lá agora, ficou sem bichinhos porque o zoológico não tem mais. Mas no grupo é bonito porque daí não tem perigo” (Maria).*

Caiafa (2007) afirma que a produção do coletivo está no repovoamento das cidades, em “estratégias espaciais”, e que isto envolve ações concretas:

Como o fornecimento de um bom transporte coletivo, o apoio ao pedestre, a construção de espaços públicos, uma política habitacional de apoio a produção de baixa renda e outras medidas em prol do uso coletivo do solo urbano. A força criadora das cidades vem precisamente de se chamar a rua e de ocupá-la (CAIAFA, 2007, p. 25).

### 5.3 COMPREENDENDO A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO PARA A MELHORIA DA RELAÇÃO DOS USUÁRIOS COM SUAS ATIVIDADES COTIDIANAS NA CIDADE

O Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer surgiu devido ao interesse dos usuários pela proposta de circular e se apropriar dos espaços da cidade de Guaíba.

O grupo acontece semanalmente há dois anos, através da circulação pelos espaços da cidade, coordenado por um Terapeuta Ocupacional e um profissional da Educação Física, junto com os usuários do CAPS, que demonstram interesse na realização da proposta e concebem a importância deste tipo de intervenção.

Nos encontros do grupo são realizadas atividades variadas, dependendo dos objetivos, como as atividades de vida diária (AVD), as atividades de vida prática (AVP), lazer, ou mesmo para garantir a regularidade do tratamento na rede de assistência (FONSECA, 2008). No Grupo, buscamos a reapropriação dos espaços da cidade, possibilitando trocas dialógicas entre os usuários e a comunidade, ampliando a participação social e da “Plena contratualidade nos três grandes cenários: habitat, rede social e trabalho” (SARACENO, 1996, p. 16) ou da “Construção da autonomia possível” (FONSECA, 2008, p. 87). A Reabilitação Psicossocial, segundo Pitta (1996), implica:

Numa ética de solidariedade que facilite aos sujeitos com limitações para os afazeres cotidianos, decorrente de transtornos mentais severos e persistentes, o aumento da contratualidade afetiva, social e econômica que viabilize o melhor nível de autonomia para a vida na comunidade (PITTA, 1996, p. 9).

Nesse sentido, fazer e receber visitas são atividades cotidianas de socialização e de lazer, realizadas pelo grupo AVP e consideradas como significativas pelos participantes que compõem o grupo e que foram recordadas ao olharem as fotos das visitas:

*“Lá em casa, oh! A Andreia e o Francisco, lá em casa e Alexandre!”* Risos (João).

*“Mais uma lá em casa, aqui a D. Aída conversando!”* (João).

*“Olha aqui! Eu e a Rafa na casa do João, tomando chimarrão! Mexendo no celular! Olha aqui!”* (Gabriel).

Alegria ao ver impressas as fotos tiradas durante a visita na casa do João, alegria de quem recebeu e alegria de quem fez a visita: *“Eu fui na casa do João!”* (Ana).

*“A gente foi duas vezes na casa do João”* (Pedro).

A primeira visita na casa do João foi de “surpresa”, pois nesse dia, João havia faltado o grupo, então, pensamos e fizemos uma visita para ele. João nos recebeu muito “bem”, nos convidou para sentar na sua sala, colocou música, preparou um chimarrão e apresentou sua mãe. Muitas conversas aconteceram, além das muitas fotos que foram tiradas nos celulares.

*“Sejam bem-vindos!”* (João).

Já a segunda visita na casa do João foi planejada e organizada entre todos os participantes do grupo, porque havia sido combinada a realização de um churrasco para marcar a despedida da estagiária que acompanhava o grupo. O almoço foi preparado coletivamente. Desde a compra dos ingredientes no supermercado até a preparação do churrasco e das saladas. Também foi realizada uma roda de chimarrão e de conversa. A mãe de João participou em alguns momentos.

João brinca com Gabriel dizendo: *“Eu acho que o churrasco vai ser lá em casa de novo”* (risos), pois o próximo churrasco já está marcado na casa do Gabriel, que vem convidando o grupo há algum tempo, mas que ainda não foi possível a sua realização.

Por várias vezes, durante a realização desta pesquisa, Gabriel reforçou o convite aos participantes do grupo para irem a sua casa: *“E lá em casa, também, se vocês forem lá em casa lá, eu espero né, tá demorando chegar, mas se vocês quiserem eu faço um chimarrão também [...] Eu queria muito levar vocês lá na Colina”*.

E recebe o apoio do colega, Pedro: *“A gente vai ir Gabriel”*.

Mângia e Muramoto (2007) colocam que:



Muitos usuários acabam por perder espaços na casa e na família, conforme as trajetórias vividas em diversos momentos de ruptura ocasionadas, especialmente nos momentos de crise ou imediatamente após as situações de crise. Nesses períodos ocorre a diminuição da presença e participação dos usuários na rotina da casa, tanto no concreto [...] quanto no plano afetivo e simbólico, configurado nos momentos de trocas familiares, conversas, validação de sua opinião perante o grupo, convites para visitar parentes ou amigos, participar das festas familiares e outros (MÂNGIA; MURAMOTO, 2007, p. 59).

Também visitamos Maria na Alvorada. Ela nos levou até a sua casa, mostrou o seu bairro, e a “Vista” que tem na sua rua. Conhecemos sua mãe, conversamos, “Tomamos água”, ganhamos bombons. Maria, durante a pesquisa, nos questiona o que achamos de sua casa e “Da volta”. Lucas responde que achou “Bonito” e “Tranquilo”. Porém, Maria ressalta que quando fomos a sua casa “Era melhor”, pois agora fizeram um “Cercadinho” na Beira, que impede de chegar perto, mas entende que esta construção é importante para evitar que as crianças entrem no rio.

Neste encontro da pesquisa, Maria avisa aos participantes que está saindo do grupo e que gostaria que voltássemos na sua casa outras vezes: “Viu grupo hoje é o último dia que eu vou participar, mas quando vocês quiserem falem com o Alexandre e a Rafaela pra me visitarem, heim. Podem ir tudo, que eu fico feliz”. E mais tarde reafirma o convite: “E perto da Páscoa é uma época boa de vocês irem na minha casa, me visitarem porque eu sempre trago de Porto Alegre aquele sacão de bombons”

E se emociona: “É um grupo que eu criei irmãos, né? Eu criei irmãos eu gosto muito de vocês tudo, eu até senti falta de vocês na semana passada hã por causa que o meu filho teve uma reunião no colégio com uma autora do livro daí eu tive que ir os pais, mas já que ele não tem o pai que a gente tinha separado eu tive que ir no colégio e eu senti falta e hoje é o último dia assim (chora) fica pesado, né?” Repete: “Vão lá mesmo”!

Outra despedida anunciada neste encontro foi a D. Ana, que já não participa do grupo devido à mudança no seu plano terapêutico. Conta para o grupo que irá se mudar para outra cidade com o seu irmão: “Pior é nós que vamo embora para Igrejinha morar lá e não vim mais pra cá”.

Para não perder o contato, pensamos em algumas estratégias: “Eu vou fazer o seguinte, eu vou, eu não sei o número do celular dele mas tem aqui, tem o número do celular dele ai e na minha, no meu fichário também tem e tem do alemão também” (Ana). E também irá pegar o telefone dos outros participantes. Ana brinca: “O João, eu vou levar ele”.

O grupo também realizou uma visita para o Pedro, que não estava indo ao grupo, pois estava em casa doente. “Foram fazer visita para mim”.

Os participantes do grupo contam o que se lembram desse dia e Pedro se emociona: *“O Pedro tava horrível”* (Ana). *“Quando nos viemo, quando nós ia vindo embora, quando eu estava me despedindo dele eu disse assim: Pedro que Deus e Jesus te acompanham Pedro tu vai sair dessa tenha fé em Deus”*.

Essa visita proporcionou encaminhamento para tratamento em relação à situação que Pedro se encontrava.

Neste sentido, o grupo passou a escrever cartas para os colegas quando precisavam ficar hospitalizados. Lucas lembra que escrevemos uma carta para a “Carolina” e Pedro lembra que escrevemos para o “Carlos” e para “Angélica”.

Conhecemos outros bairros, sendo um deles o da Amanda, a COHAB. Fomos “Ajudar a Amanda a pegar o ônibus”. Conhecemos o bairro a partir do percurso que Amanda realiza no seu dia a dia, conhecemos o Posto de Saúde, o comércio, a parada de ônibus e a casa da Amanda. “Tomamos água gelada lá na casa da Amanda”.

Também fomos visitar outros bairros, apresentados por Lucas e Gabriel. Lucas nos levou para conhecer o bairro Jardim dos Lagos ou “o bairro do colégio do Lucas”, como ficou conhecido entre eles. Apreciamos este bairro guiado por Lucas que convidou o grupo para conhecer o colégio que estuda. A maioria dos componentes do grupo, nunca haviam ido neste bairro.

Fomos apresentados ao professor do Lucas, que nos expôs os demais cursos e convidou cada um dos participantes, dando um cartão com o telefone e o endereço da escola para se informarem sobre os cursos que abrirão no próximo ano. Além disso, conhecemos os arredores do bairro, o CTG Gomes Jardim e a Universidade Estadual, na qual, também conversamos com a funcionária que divulgou os cursos oferecidos. Foram muitas conversas neste dia e ficou a ideia de fazer um churrasco ou uma festa no CTG. Foram tiradas fotos para registrar este momento.

Outra atividade recordada pelo grupo foi quando fomos conhecer outro bairro da cidade, o Bom Fim, onde se localiza o Projari, centro que o Gabriel frequentava participando de oficinas. Gabriel foi o nosso guia, responsável por nos levar até lá, orientado sobre o ônibus a pegar e qual parada a descer, ensinando o caminho.

Nesse lugar, fomos recebidos pelos funcionários da Instituição na sala de reuniões. O pessoal esclareceu suas dúvidas sobre os horários e forma de inscrição, conhecendo o espaço físico e as oficinas.

Para João, a principal contribuição do grupo foi a possibilidade conhecer novos lugares, de ir *“Mais longe. Eu nunca tinha andado bastante de ônibus que nem eu tenho*

*andado com o grupo, alegria era o lugar mais longe que eu ia e agora tenho a chance de ir bastante pela cidade de Guaíba, né”? “Pra mim só existia a Alegria e a Florida”.*

Ainda João: *“Eu gostei de passear de ônibus lá pro lado do mercado do Índio (Jardim dos Lagos) aquela zona por lá, e também aqui onde eu nunca tinha ido, onde o Mateus e o irmão dele já foram de carro né [...] Eu nunca tinha andado por aqueles lados, construção nova lá [...] E eu gosto de andar de ônibus, desde pequeno eu brincava de andar de ônibus, né”? E relata que com o grupo passou a andar mais de ônibus: “Foi, exatamente, foi aonde eu consegui passear no lugar mais longe assim, antes eu ia até a Alegria só, então como nos outros lugares mais longe né, eu tinha ido na COHAB, não na São Jorge, eu tive lá”.*

Buscava-se nestes encontros, além de conhecer outros pontos da cidade, oportunizar aos usuários de apresentar aos demais participantes do grupo os locais que frequentam, as pessoas com quem se relacionam, as atividades que realizam, um pouco das suas rotinas e a possibilidade de convidar os outros colegas para fazer atividades junto com eles, além do espaço do CAPS. E possíveis articulações de implementação de redes formais e informais de participação social, inserção para novos usuários que a partir de seus interesses e vivências poderão ter o desejo de ocupar outros espaços da cidade.

O centro foi o local de muitos encontros do grupo, como já foi dito. É no centro que se encontram muitas praças e parques, além do comércio e outros estabelecimentos. O grupo lembra alguns dos lugares onde estivemos: *“Fomos no computador, lá no livro, jogamo sinuca, tomamo sorvete”, “Fomos na biblioteca”, “Fomos no museu”, “Na Lan house”, “Orçamento de fotos”, “Lan house, sorvete que o João pagou, eu me lembro”, “Eu até pesquisei...para o meu violão, mas a vendedora disse que não tinha”.*

A ida a Lan House, como foi lembrada pelo grupo, envolveu alguns encontros. Primeiramente, os usuários realizaram visitas em algumas Lan House do Parque 35 e do centro, para solicitar informações referentes ao horário de funcionamento e valores. A Lan House escolhida pelo grupo foi a do centro, pois, além de disponibilizar o acesso a Internet, também oferecia jogos de sinuca. Cada um dos participantes “juntou” o dinheiro correspondente a uma hora de acesso à Internet e, posteriormente, marcamos o dia que iríamos fazer esta atividade.

A primeira vez que fomos, acessamos a internet. Pedro escutou música. Maria fez um curriculum. João relatou que se soubesse que *“dava”* para escutar música, também teria escutado: *“Se eu tivesse escutado música tinha sido mais bom ainda”.* Igualmente realizaram atividades de “homem” acessando conteúdos de “mulheres” com o auxílio do educador físico, não deixando as *“mulheres”* verem o que estavam fazendo.

Durante a realização da pesquisa, João, ao olhar a foto do Pedro em frente ao computador, comentou: *“E tá facero”!*

Na outra ida a Lan House, combinamos jogar sinuca. Formaram-se duplas para a partida. Maria lembra que formamos uma dupla e que fez algo inédito: *“Tu lembra que tu fez dupla comigo, Rafaela? Lembra que a minha bola pulou por cima da outra, eu nunca fiz isso na minha vida, a bola pulou por cima da outra”.*

Na biblioteca, os usuários do grupo fizeram a carteirinha para empréstimos de livros ou “cadastro”, como Pedro lembra e Ana fala: *“Eu ainda tenho”.*

Para a confecção das carteirinhas, primeiramente, combinamos que um dos participantes entraria em contato por telefone, solicitando informações referentes aos documentos necessários com o fim de ser usuário desse serviço. Após, cada participante providenciou em sua casa os documentos exigidos e fomos à biblioteca.

A realização desse cadastro, inicialmente, gerou muitos questionamentos entre a equipe da biblioteca sobre quem seriam os responsáveis pela devolução dos livros e qual o endereço que constaria no cadastro. Esclarecemos que todos tinham comprovante de residência e seriam responsáveis pelas devoluções dos livros, então, cada um fez a sua carteirinha com seu endereço e assinatura. Retiraram livros, fizeram devoluções.

Ana lembra algumas atividades que realizamos na biblioteca: *“Fumo ver livro, fazer umas pesquisa, depois eu não sabia tirar e tu deu um trai [...]Um trai? Tu, me orientou que eu tinha que levar lá pro livro.”*

João: *“Se eu não me engano eu retirei um livro sobre a Índia”.*

Retornamos à biblioteca outras vezes. Uma delas, com a finalidade de fazer a senha para acessar a Internet nos computadores disponibilizados pela biblioteca. Maria e João lembram que, após algum tempo, se esqueceram das suas senhas: *“A minha sumiu, não sei o que houve”* e João: *“Eu gostei, mas eu perdi a senha do computador...”*.

Este é mais um lugar que, após a ida com o grupo, Pedro continua frequentando e realizando atividades, e que agora vai “Direto”: *“Tirar livros, ler poesia, ler jornal, acessar a Internet, agora eu não tô acessando porque tão arrumando o telhado mas a partir de janeiro e fevereiro[...] Acho que só eu. É só eu que vou, eu nunca vi a Maria, o João, o Mateus nem o Lucas”.* Aliás, já levou um “vizinho” para ir com ele na biblioteca.

Maria, também passou a frequentar a biblioteca: *“Eu tô indo para fazer um trabalho escolar para o meu filho”.* E continua: *“Teve um tempo que eles ficaram de reforma, pois é aí os computadores, o jornal, que eu fui lá, né pra mim pegar uma cópia, eu sabia a data e tudo pra mim pegar um jornal, os jornais estão tudo tapado, atirado numa sala lá... tão de*

*reforma no telhado*”. Maria, quando questionada, se o grupo contribuiu de alguma forma para a melhoria na realização de atividades na cidade, lembra da ida na Lan House e biblioteca: *“Com certeza, porque tem lugares assim que eu não teria coragem de ir sozinha como a Lan House, a biblioteca, acessar a internet, eu tinha vergonha de ir sozinha e falar com as pessoas né, aí é muito bom [...] Ajudou muito”*.

O Museu é outro lugar bastante frequentado pelo grupo: *“Fui duas vezes lá, eu marquei o silêncio. É um ambiente, como eu posso dizer como é o ambiente pra mim, não é harmonia ou chega a ser, sei que é um silêncio assim... tinha acho que fomos umas três vezes lá eu acho”* (João).

No Museu, acontece um sarau à noite e gerou bastante interesse e curiosidade entre os participantes. Pedro comenta que gostaria de ir com alguém, Lucas questiona se *“Pode ir qualquer um”*, Ana pergunta se *“Tem que pagar”* e Maria convida Pedro para irem juntos: *“Vamo marcar uma hora, Pedro?”* e Pedro concorda.

O grupo lembrou a ida à farmácia para se pesarem: *“Antes eu não dava muita importância para o meu peso eu tava seguido no centro, caminhando pra cima e pra baixo”*.

Ainda recordaram que no centro já fomos buscar exames, encontramos pessoas conhecidas e conversamos com desconhecidos: *“Até fotos, já venho meninos lá, do nada e tiraram foto com a gente...”*.

Foi no centro que aconteceu um dos momentos mais importantes do grupo. Em um encontro, João convidou o grupo para tomar sorvete, nesse dia tiramos fotos e, durante a pesquisa, ao olhar a foto revelada, João relatou: *“Ah, que legal, um olhar feliz é raro, né? Eu sou muito sério”*.

Foram realizadas muitas atividades em vários espaços, como a Praça da Maçã, a Beira, o Coelhão com o Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer, mudando a relação dos usuários com estes espaços, ocupando-os.

Na Praça da Maçã, o grupo lembrou que já fomos *“Muitas vezes”* e que realizamos, em sua maioria, atividades de lazer, como *“Fazer atividade física, conversar, tirar foto”*, sentar e deitar no banco da praça, *“A gente admirou a beleza da praia”*.

Na Beira, foi o lugar *“Que a gente fez fotos bonitas”*, que *“Tiramos fotos”* e para *“sentir o vento”*. Mateus comenta: *“Gostei, claro, vem um vento fresquinho como uma terapia a gente se sente bem, né? Em tar por ali”*.

No Coelhão, vamos a pé, porque é perto do CAPS. Já fomos *“Olhar jogo”*, *“Jogo de futebol”*, *“Fizemos um piquenique”*, fomos *“Ver gaúchos e prendas”* na *Semana Farroupilha*, *“Tinha lazer”*, *“Tiramos foto, eu tirei uma como o João”*.

O dia que a gente foi tomar chimarrão lá no Coelhão, Ana lembra que foi na pracinha e que fizemos um piquenique: *“Ué, eu andei de balanço, queria andar de gangorra, naquelas coisas que vai e vem, naquele negócio que tem uma tábua assim, até você sentou ali e andou comigo [...] Eu gostei, a gente comeu bolachinha e tomou refrei”*.

Maria lembra que correu na área de esportes: *“Eu dei duas voltas correndo no campo de futebol, lá, aguentei”*.

A partir do Grupo, alguns usuários já estão conseguindo se reapropriar de alguns espaços da cidade e realizar atividades em seu cotidiano: *“Antes de começar o grupo eu ia, mas daí uma vez, eu fui assaltado e daí eu não quis mais. Daí eu voltei para o grupo e aí eu vou assim umas seis e meia [...] me sentar, dormir sentado, que já me aconteceu de dormir sentado e olhar a praia”* (Pedro).

Lucas: *“Eu vou me deitar no banco e não me sentar [...] Comecei a fazer ginástica [...] Tem educadora física, segunda e quarta”*.

Estão, também, indo a shows:

*“Eu vou nos shows, já fui no Jota Quest”* (Pedro).

*“Eu fui no Paralamas do Sucesso”* (Lucas).

*“Eu vou quase seguido agora. É na beira e na pracinha da maçã. Eu caminho e sento naqueles bancos e pego um ar”* (Pedro).

*“Eu passei lá na beira ontem. Tinha uns rapazes da Colombia lá de Jet ski”* (Lucas).

*“Já fui, uma vez no caisinho, também [...] não foi com o grupo, foi com os meus pais”* (Mateus).

*“Fico sentado, embaixo de uma árvore, às vezes eu faço isso, me sento embaixo de uma árvore, já tomei refri, já fiz amizades com pessoas, já fui em um jogo de futebol de salão, e já vi jogo de campo, já tomei água, naquele bebedouro”* (Pedro, vai no Coelhão, sozinho).

Outros, ainda, frequentam estes lugares, somente com o grupo:

*“Eu é difícil, dificilmente, eu passo de ônibus, de a pé eu não vou muito. É difícil, é difícil, mesmo”* (João – na Beira).

*“Eu vou muito pouco passear na beira, é por causa que sábado, eu não sei o horário dos ônibus, né? Sentar lá no final de semana, é o que eu quero fazer, né? Aquela história, que eu falei pra ti e pra Daiane. (Gabriel).*

*“Só com o grupo eu frequento. Eu tive lá com meu irmão faz tempo num verão, de tarde, sentamos embaixo de uma árvore, ficamos uma meia-hora lá e depois saímos e voltamos embora”* (João – na Praça da Maçã).

*“Só no grupo. Só com o grupo, sem o grupo é muito mais difícil de ir, não daí não, daí fica difícil de ir porque não tem oportunidades de ir. É muito difícil de ir, mais com o grupo, eu vou. Não sei é falta de tempo”* (Mateus – no Coelhão).

*“Não. Mas eu gostaria de frequentar.”* E relata o que gostaria de fazer se ela fosse lá: *“caminhar, tomar aquele arzinho fresquinho, tomar um sorvete, ver a natureza que Deus deixou no mundo pra gente aproveitar, pra gente cuidar, as matas, os alvoredos, as plantações, os bichinhos que Deus botou no mundo, que são os passarinhos, pombas, tudo que é espécie de animal e a gente não só a gente aproveita também, por exemplo, se eu tivesse o meu gurizinho, eu ia levar ele para ele conhecer, pra ele passear, aproveitar, caminhar, correr, jogar bola.”* (Ana – na Praça da Maçã).

*“Não, só com o grupo, só quando é com o grupo. Gosto, acho legal, bem interessante, se distrair é lazer, né? Praça da Maçã com o grupo, eu sempre vou na Praça da Maçã, mais é com o grupo que eu vou”* (Mateus).

Eles, também, estão fazendo planos de realizar outras atividades e encontros com e sem o grupo:

Beira: *“Até que eu queria ajudar o Gabriel, se ele quiser eu levo ele. A gente combina”* (Pedro).

Praça da Maçã: *“Lá é um lugar bom para tomar chimarrão, qualquer hora dessas, né? Levar uma garrafa cheia de água e uma cuia e com erva.”* (João).

*“A gente podia ir na Florida e na Alegria. Dá pra fazer piquenique, churrasco, almoço...”* (Pedro).

*“Eu queria ir junto com o grupo, fazer um passeio, lanche, tirar uma foto (cipreste)”* (Pedro).

*“O Maria a gente podia ir no cinema, né?”* (Gabriel).

*“Eu ano que vem vou fazer o Projari [...] no ano que vem nós vamos ir”* (Pedro).

*“Tá faltando comer um cachorro-quente no centro [...] Temo que comer um cachorro quente, lá, né?”* (João).

As saídas pela cidade acontecem, principalmente, a pé ou pelo uso do transporte coletivo. Atravessar a rua, apresentar a carteirinha de passe livre, foram questões trazidas pelos participantes em diferentes momentos durante esta pesquisa, e são assuntos que são constantemente trabalhados no Grupo de Atividade de Vida Prática e Lazer.

Lucas elegeu, como principal contribuição do grupo para ele, a questão do grupo ajudar a: *“Atravessar na faixa de segurança [...] porque eu não respeitava a faixa de segurança [...] E outra coisa, é que vocês ficam atento com as pessoas para caminhar na rua,*

sabe, né. Tem uma atenção, porque são doente, né, e as vezes até eu, quando vê eu tô caminhando na rua e é perigoso se um carro pegar a pessoa ou uma moto [...] É bom mesmo, a gente que tá doente não percebe e vocês que tão aí com a cabeça melhor ajuda a pessoa a ver o que tá errado, até quando eu comprei o negócio do salgadinho eu já tava botando no chão quando terminou daí já tava o Alexandre calma, calma pega isso aí que tu fez aí, isso aí tudo é importante, ensinar a ser um bom cidadão”.

Pedro fala que para ele “Tá sendo difícil ainda” atravessar a rua “Eu não cuido muito direito[...] ás vezes eu me atrapalho sobre isto [...] É motivo emocional, motivo de brabeza, motivo de pateta, motivo mais é emocional e sentimental, entendeu? E daí eu me atrapalho[...]a sinaleira, tem um dia que eu cuido direitinho, outro dia que eu me atrapalho, sou bem sincero em falar pra ti”.

Gabriel lembra uma situação em que ele e Pedro estavam passeando pelo centro: “A gente tava atravessando na frente do Itaú na faixa de segurança e um cara conversou com a gente e aí a gente não deu papo pra ele né daí a gente tava indo eu tava indo com ele pra na faixa de segurança na frente da Igreja aí ele antes ele foi atravessar daí eu falei pra ele Pedro não vai atravessar antes da faixa de segurança eu vou falar para a Rafaela. É eu já dei conselho. Por causa que toda a vez que eu atravessar, Rafaela, eu nunca atravesso sem faixa de segurança”.

Ana, também relata que também não cuida para atravessar a rua: “Eu já não cuido muito. Uma vez eu desci em Porto Alegre, e Porto Alegre é perigoso [...] Daí eu atravessei no que vou para botar o pé na calçada o ônibus bate no meu braço, que eu fiquei com o meu braço inchado, aí todo mundo se apavoraram e perguntaram assim chamaram a SAMU pra me levar pro pronto socorro, e eu disse, não precisa to acostumada com esse tipo de coisa”.

Outros relatam que sabem e cuidam para atravessar a rua: “Sabe” (Amanda), “Eu atravesso na faixa de segurança, eu cuido né, dou uma olhadinha” (Mateus). Como já foi dito, estas questões são trabalhadas no grupo, na prática, desde o reconhecimento das sinalizações e os fatores subjetivos envolvidos na realização desta atividade.

Para Mateus o grupo contribuiu: “O grupo é importante pra gente interagir na sociedade, com o grupo a gente vai para a sociedade e depois a gente mais para a frente, não precisar mais do grupo para sair né, daí a gente se acostuma e aí vai mais vezes [...] Nem que for só pra sair, andar de ônibus por nada mais é bom, mais eu vou muito mais com o grupo do que sem ser o grupo, sem ser o grupo eu vou lá de vez enquanto”.

Pedro escreveu um pouco sobre a sua experiência com o grupo e trouxe para ler durante a pesquisa, transcrevo a seguir: “Ao Grupo de AVP, eu aprendi muita coisa de



*conhecer a cidade de Guaíba, eu não gostava de tirar foto com o grupo de AVP agora eu gostei de tirar fotografia. O primeiro AVP foi engraçado eu tinha medo de sair com o grupo agora eu adoro sair com o grupo de AVP eu tenho fascinação pelo grupo quando eu comecei no AVP senti muita emoção não vou dizer que tinha medo e ficava nervoso foi com muita dificuldade mas eu aprendi a ter compreensão emocionalmente eu gostei de conhecer o Alexandre e a Rafaela são pessoas educadas e inteligentes Deus que abençoe vocês [...].*

Para Pedro, o Grupo de Atividade de Vida Prática e Lazer: *“Pra mim contribui um pouquinho. É que quando eu fui a recém começar a sair na cidade, o grupo, até agora, contribuiu um pouquinho porque as pessoas assim não gostava da gente sair, agora tá sendo uma contribuição”.*

Pedro relata que “voltou” a sair com o grupo, como já foi dito anteriormente. Ele passou a frequentar a biblioteca depois de ter ido com o grupo, retira e devolve livros, conversa com as bibliotecárias, já levou um vizinho para conhecer. Passeia na Praça da Maçã, no Coelhão, senta no banco da praça, sente o ar fresco, convida os colegas para passear, se disponibiliza a ajudar os colegas. Vai a tantos outros lugares e muitas outras atividades estão sendo realizadas nesses espaços. Agora quer fazer um curso fora do CAPS. Mas salienta que quer ficar mais um tempo no grupo: *“É mais eu gostaria de ficar mais um pouco no AVP”.*

Ana, ao escutar sobre os espaços que Pedro está conseguindo habitar e realizar atividades, se questiona: *“Eu queria te fazer uma pergunta, hã me lembrei, me dá um branco de vez em quando[...] Rafaela o que é interditada?”.*

Com esta pergunta, imediatamente, nos lembramos de outra atividade efetuada com o grupo: a participação na votação popular e cidadã:

*“Eu votei [...] E agora eu votei de novo com o grupo [...]Gostei. Agora para ir assim, agora chega tempo da votação no SESI, no colégio, o SESI também é um colégio, uma escola, isso ai quem não tem titulo de eleitor tem que ter tem que tirar para poder votar seja doente ou não seja tem que tirar o titulo de eleitor para votar aquele que não vota, não tira, aquele vai preso”(Ana).*

O Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer para Gabriel: *“Eu acho para mim, pra mim o AVP é melhorou bastante eu, sabe? Tanto o Grupo AVP, o grupo de sentimentos, qualquer grupo aqui dentro, dentro do CAPS aqui, hã eu desenvolvi bastante sabe?[...] E eu não saia de casa na época eu não tomava os remédios né, e eu acho pra mim aqui dentro aqui se a Dra. Fabiana tivesse aqui dentro ela seria muito importante pra mim, tanto tu quanto a Michele no lugar da Patrícia a Juliana tanto vocês são importantes pra mim aqui dentro [...].*

Pedro: *“Eu também aprendi muita coisa quando eu comecei na saúde mental foi em 2002, Rafaela, mais tu sabe né? Ih, foi em 2010, eu comecei ali onde era a SAMU e agora vai voltar de novo a Saúde Mental [...] 2001 ou 2002, nem me lembro mais. Mais eu aprendi muita coisa Rafaela não vou dizer que o primeiro AVP que eu contigo e com o Alexandre foi com muita dificuldade na hora de se alevantar, na hora de se acordar, na hora até foi muita dificuldade e ainda quero ficar mais um pouco ainda que tem muita coisa ainda que eu me atrapalho sabe, é na hora do? Eu não tenho paciência, eu concordo plenamente com o Francisco mais eu me atrapalho tem muita coisa que eu me atrapalho ainda”*.

Finalizo com a discussão entre Gabriel e Pedro sobre os diferentes momentos que compõem o processo terapêutico:

Gabriel: *“Mais sabe Rafaela que eu quero ficar muito, e muitos, muitos tempos aqui tá”*.

Pedro: *“Só que eu concordo plenamente, a gente tem vontade de ficar, só que acontece que cada um a vida toda no CAPS não é, né?”*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esta pesquisa, tinha por intenção construir uma análise sobre as intervenções do Grupo de Atividade de Vida Prática e Lazer utilizando a cidade como ferramenta, para as intervenções em Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental.

O resgate da história e trajetória do grupo, através da elaboração desta pesquisa, trouxe inúmeras recordações dos momentos vivenciados durante o tempo de existência deste grupo.

Através da atividade de olhar fotos e da ação de identificar no mapa da cidade de Guaíba os locais em que o grupo já esteve muitas foram as cenas lembradas, algumas com muita emoção, diversas com muitas risadas e outras com muitas brincadeiras entre eles.

Para João contribuir para uma pesquisa: *“Tu sabe, quando eu tava ali na frente eu senti uma coisa assim, como eu posso te dizer, importante, eu acho, eu tive uma sensação de não...bem, como eu posso te explicar, ah me esqueci [...]Eu me lembrando quando fiquei ali na frente, bem contente, me senti uma sensação de pessoas que não são doentes, sabe? Me senti normal, ali, tava sentado, ali”*.

Fazer e receber visitas, tomar chimarrão no parque, sentar no banco da praça ou embaixo de uma árvore, fazer um convite, fazer uma caminhada, telefonar, conhecer o bairro onde mora o colega, ensinar um caminho, votar, atravessar a rua, escrever cartas, foram atividades realizadas e lembradas pelo grupo.

Atividades que tinham ficado *“há muito tempo atrás”* no passado, antes da experiência do sofrimento mental. Pois, como afirma Fonseca:

Frequentemente, verifica-se que as pessoas com sofrimento mental, em sua maioria, passam por um processo contínuo e acelerado de esgarçamento das relações sociais e redução na participação em atividades produtivas, de lazer e de autocuidado (FONSECA, 2008, p. 74).

Portanto, se diminuem as saídas de casa para a cidade, mas com o Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer esta situação começou a se modificar.

Para Furtado (1999, p. 46) *“A oportunidade que a terapia ocupacional possibilita ao sujeito a cuidar de si, em experimentar-se como produtor é o que temos de precioso para ajudar aos sujeitos a constituírem-se pertencente”*.

Castro, Lima, Brunelo sobre o processo terapêutico, colocam:

O que se estabelece no decorrer da realização de atividades em Terapia Ocupacional é um campo de experimentação, no qual se instala um processo dinâmico, caracterizado como fio condutor de uma história peculiar, que se constrói na relação terapêutica, a cada momento ou situação, de modo sempre singular. São elas que darão forma e estrutura ao fazer dos sujeitos atendidos, estabelecendo um sistema de relações que envolve a construção da qualidade de vida cotidiana (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 47).

Experimentar-se telefonando para solicitar informações, experimentar-se conversando, experimentar-se deitado no banco da praça, experimentar-se, novamente, a andar de ônibus, a receber visitas. Resgatar ações que ficaram no passado e trazer para o presente, ou descobrir novas possibilidades. Não se trata de um “voltar a ser” (Benetton, 2010) nem atividades de cunho normativo ou destituídas de sentido. Mas, sim, atividades elegidas como sendo significativas para o seu cotidiano, de acordo com o momento e contexto de vida.

Questiono João, após ele relatar para o grupo que trabalhava, se gostaria de retomar esta atividade: *“Bá, eu teria o maior prazer até!”*.

Algumas dessas atividades foram, no decorrer do grupo, ressignificadas por alguns usuários que passaram a inclui-las no seu dia a dia, reapropriando-se dos espaços da cidade e, outros, na possibilidade de efetuar estas atividades no grupo. Espaços, que até então, não faziam mais parte do cotidiano, somente, através da janela do ônibus ou das lembranças dos momentos vividos.

Castro, Lima, Brunello afirma que é nos espaços vividos – a comunidade e a cidade – se promovem além do campo clínico, o encontro entre os recursos e necessidades dos sujeitos em relação com o momento e o lugar em que vivem:

Nesses espaços de produção e ampliação da rede relacional, ocorrem a transformação e a construção de uma nova realidade, a partir da qual são definidas as possibilidades concretas de aquisição de novos conhecimentos, novas linguagens, de convivência e emancipação sociocultural e de criação de projetos de vida (Castro, Lima, Brunello, 2001, p. 46).

De acordo com Furtado (1999, p. 47), “o setting terapêutico é outro elemento importante no processo de tratamento na terapia ocupacional que contribuem no cuidado do que se é, neste desvelar-se”.

Para a autora, “o nosso setting é flexível, pois transitamos em muitos espaços, em tempos diferentes, com muitos objetos e riqueza de situações que oportunizam ao sujeito uma relação terapêutica diferente da tradicional e mantida por outras disciplinas” (Furtado, 1999, p.48).

Praças, ruas, calçadas, escolas, casas, dentre outros, são locais em que estivemos com o grupo, constituem-se em diferentes settings terapêuticos.

Comer um cachorro-quente no centro, tomar um chimarrão na praça, cursar um curso fora do CAPS, ir ao museu, conhecer a Praça da Maçã são algumas das atividades planejadas a partir do grupo, porém a serem realizadas com e sem o grupo.

Cada vez mais, são oportunizados e estimuladas a realização de combinações e planejamento de encontros entre os usuários, troca de telefones, sem o grupo. São realizadas, durante o grupo, encontros em diferentes pontos da cidade com atividades que podem ser realizadas entre eles sem o CAPS.

*“É se o Gabriel, um dia quiser, a gente se combina e eu levo ele para conhecer a Alegria. Não sei se ele vai querer a minha companhia”* (Pedro).

Como já foi dito, os sujeitos em sofrimento psíquico tendem a perder as relações de amizades, fora do âmbito familiar pelos processos de ruptura e vulnerabilização (Mangia, Muramoto, 2007). “Estudos demonstram que tal população é 4 vezes mais propensa do que a média a não ter um amigo próximo e que mais de um terço afirma não ter ninguém a quem recorrer num momento de crise”. (MANGIA; MURAMOTO, 2007, p. 55)

Ter um amigo para ir na Beira sentar junto, ter um amigo para ir no cinema em Porto Alegre, ter um amigo para receber em um momento de crise, ter um amigo para conversar, para visitar. Para Mangia e Muramoto (2007, p. 66), investimentos devem ser realizados pelos serviços de saúde mental, no sentido de fortalecer e estimular a inserção em redes de trocas e inclusão social [...] “que garantem aos sujeitos a possibilidades de viver a vida fora dos circuitos de institucionalização”.

Saraceno (1996, p.18) enfatiza que não dá mais tempo para “manter dentro”, “pois, no momento em que se assumem os grandes cenários: a casa, trabalho, a rede social, damos-nos conta de que não há mais tempo para este entretenimento [...]”.

Finalizo com as palavras de Maria que durante o final do último encontro desta pesquisa escreveu com alfinetes no mapa que estávamos utilizando para identificar os locais em que já estivemos com o grupo, em suas palavras: *“Como é o último dia aqui, eu escrevi uma coisa, que termina com “s”, mas acho que o Pedro lê pra nós, ali: AMIGOS”*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cauê. **8 Bienal do Mercosul: Ensaio de Geopoética**. Catálogo. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

AMARANTE, Paulo D.C. Algumas notas sobre a complexidade da loucura e as transformações na assistência psiquiátrica. **Revista Terapia Ocupacional**. USP, 3 (1/2): 8-16, jan./dez. 1992.

\_\_\_\_\_. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BARROS, Denise Dias; LOPES, Roseli Esquerdo; GALHEIGO, Sandra Maria. Novos Espaços, Novos Sujeitos: a Terapia Ocupacional no Trabalho Territorial e Comunitário. In: CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

BENETTON, J. O encontro do sentido do cotidiano na Terapia Ocupacional para a construção de significados. **Revista Ceto**, ano 12, n. 12, 2010.

CAIAFA, Janice. **Ensaio e Enografias: Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth M. F. A. de; BRUNELLO, Maria Inês B. Atividades humanas e Terapia Ocupacional. In: PRADO DE CARLO, Marysia M. R. (org.); BARTALOTTI, Celina C. **Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e perspectivas**. 2.ed. São Paulo: Plexus, 2001.

CASTRO, Eliane Dias de. Relação Terapeuta-Paciente. In: CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

CESAR, Vitor. **8 Bienal do Mercosul: Ensaio de Geopoética** Catálogo. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul. 2011.

FAGUNDES, Sandra. Psicologia e Políticas Públicas: Formação em Saúde Mental Coletiva. In: TATSCH, Dirce T; GUARESCHI, Neuza M.F; BAUMKARTEN, Silvana T. **Tecendo Relações e Intervenções em Psicologia Social**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2009.

FONSECA, Marcos A. A Prática do Terapeuta Ocupacional em Saúde Mental a partir de uma Perspectiva não Excludente e de Respeito às Diferenças. In: DRUMMOND, Adriana de França (org); REZENDE, Márcia Bastos (org.). **Intervenções da Terapia Ocupacional**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FRANCISCO, Berenice R. **Terapia Ocupacional**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

FURTADO, Eliana Anjos. Conversando sobre Identidade Profissional. **Revista Terapia Ocupacional**. Univ. São Paulo, v.10, n. 2/3, p. 46-8, mai./dez. 1999.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília - DF, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. et al. Grupos Focais em Psicologia Comunitária. In: CASTELLÁ SARRIERA, Jorge (org.); TEÓFILO SAFORCADA, Enrique (org.). **Introdução à Psicologia Comunitária: Bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAGALHÃES, Lilian; CARDOSO, Ana Amélia; MAGALHÃES, Lívia de Castro (org. e trad.) **Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM)**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MÂNGIA, E. F; NICÁCIO, Fernanda. Terapia Ocupacional em Saúde Mental: tendências principais e desafios contemporâneos. In: PRADO DE CARLO, Marysia M. (org.); BARTALOTTI, Celina Camargo. **Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2001.

MÂNGIA, E. F. A Trajetória da terapia ocupacional da psiquiatria às novas instituições e estratégias de promoção da saúde mental. **Revista Terapia Ocupacional**. Univ. São Paulo, v.11, n.1, p.28-32, jan./abr., 2000.

MÂNGIA, E. F; MURAMOTO, Melissa T. O estudo das redes sociais: apontamentos teóricos e contribuições para o campo da saúde. In: **Revista Terapia Ocupacional**. Univ. São Paulo, v.16, n.1, p.22-30, jan./abr. 2005.

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais e construção de projetos terapêuticos: um estudo em serviço substitutivo em saúde mental**. In: **Revista Terapia Ocupacional**. Univ. São Paulo, v.18, n.2, p.54-62, mai.-ago. 2007.

MELLO, Maria Aparecida F. de; MANCINI, Marisa Cotta. Métodos e Técnicas de Avaliação nas Áreas de Desempenho Ocupacional. In: CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. São Paulo: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Flávia Mendes de. **Território da Vida - Um recurso para a transformação das relações entre sociedade e loucura**. 2004. Dissertação (Mestre em Ciências na área de Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

PALOMBINI, Analice de L. et al. A Psicose no Espaço e Tempo da Cidade: Suportes Teóricos. In: \_\_\_\_\_. **Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública: a clínica em movimento**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PITTA, Ana (org.). Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Reabilitação Psicossocial**. São Paulo: Hucitec, 1996.

QUARENTEI, Mariangela S. **Terapia Ocupacional e Produção de Vida**. Conferência de Encerramento. Porto Alegre, 2001. VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional.

\_\_\_\_\_. **Atividades: Territórios para a Expressão e Criação de Afetos**. **Boletim de Psiquiatria**. Escola Paulista de Medicina. São Paulo, v. 27, n. 1, p. 26-7, jan.-jul. 1994.

SARACENO, Benedetto. Reabilitação Psicossocial: Uma estratégia para a passagem do milênio. In: Pitta, Ana (org). **Reabilitação Psicossocial**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SITE PREFEITURA. Disponível em: <[www.guaiba.rs.gov.br](http://www.guaiba.rs.gov.br)> Acesso em: 2 mai. 2009.

SETUDEC. Material de Divulgação. Guaíba - Rio Grande do Sul: Berço da Revolução Farroupilha.

SITE WIKIPÉDIA. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/gua%C3%ADba>> Acesso em: 28 dez. 2011.



**ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: O Cotidiano e a Cidade.

Esta pesquisa justifica-se por se tratar de tema pouco pesquisado em terapia ocupacional e na saúde mental sobre a compreensão e a utilização das inúmeras atividades que compõe a vida cotidiana das pessoas e sua relação com os espaços da cidade. A presente pesquisa tem por objetivo analisar as intervenções do Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer, utilizando a cidade como ferramenta para as ações de Terapia Ocupacional no Campo da Saúde Mental, na perspectiva de utilizar essa experiência como uma estratégia de atuação da Terapia Ocupacional em Saúde Mental que será apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso e está sob a orientação da Professora pesquisadora responsável.

A pesquisa terá participação dos usuários que participam ou já participaram do Grupo de Atividade de Vida Prática e Lazer que desejam participar desta pesquisa. Estes participarão de entrevistas em grupo para utilização restrita à pesquisa. Está prevista a realização de 4 encontros com uma hora e meia de duração cada semanalmente. O local onde serão realizados será no Centro de Atenção Psicossocial CAPS II Guaíba. As sessões do grupo focal serão registradas por meio de gravações de áudio e registros documentais. Os dados colhidos nesta pesquisa são de uso pessoal da pesquisadora e serão inutilizados após a conclusão da pesquisa. Será garantido esclarecimento antes, durante e depois da pesquisa por completo, de qualquer dúvida referente ao estudo e às perguntas realizadas na entrevista. Estando o participante livre para participar ou não da pesquisa, bem como abandonar o estudo a qualquer momento e sem que seja necessário justificar o motivo e sem que isso signifique prejuízo para si. Não deverá haver nenhum tipo de desconforto ou constrangimento durante o desenvolvimento da pesquisa.

Informo também, que não haverá custo algum para a população entrevistada, pois este será coberto pela orientadora professora responsável e pela aluna pesquisadora.

Segue a garantia de privacidade desse termo que deve ser assinado pelo usuário do serviço ou responsável pelo participante.

Eu, \_\_\_\_\_ (usuário ou responsável) fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Recebi informação a respeito do estudo e esclareci as minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão assim que desejar. A aluna pesquisadora certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, bem como não serão modificados nem terei tratamento diferenciado em função da pesquisa e terei liberdade de retirar meu consentimento de realização da pesquisa a qualquer hora.

O contato com a aluna pesquisadora, Rafaela Peixoto Reinheimer pode ser feito através do telefone (51) 98150057 e do e-mail rafaelap.r@hotmail.com e com a orientadora e pesquisadora responsável deste projeto de pesquisa Kátia Salete Barfknecht pelo telefone (51) 99731882 e do e-mail katiab@cpovo.net. Telefone Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS: 33083629.

Declaro que li e concordo com o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

---

Kátia Salete Barfknecht  
Orientadora e Professora Responsável pela Pesquisa

---

Rafaela Peixoto Reinheimer  
Aluna Pesquisadora

**ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, Rafaela Peixoto Reinheimer, acadêmica do Curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), venho por meio deste, solicitar autorização para realizar pesquisa que tem por título “O Cotidiano e a Cidade”, como aluna pesquisadora, que será apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso e está sob a orientação da Professora Kátia Salete Barfknecht pesquisadora responsável.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar como as intervenções do Grupo de Atividade de Vida Prática (AVP) e Lazer, utilizando a cidade como ferramenta para as ações de Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental.

Se a Instituição concordar, o estudo será realizado com os usuários que participam ou que já participaram do Grupo (AVP) e Lazer do CAPS II Guaíba e que demonstrarem desejo em participar desta pesquisa e ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

Está prevista a realização de 4 encontros com uma hora e meia de duração cada semanalmente. O local onde serão realizados será no Centro de Atenção Psicossocial CAPS II Guaíba. As sessões do grupo focal serão registradas por meio de gravações de áudio e registros documentais. Os dados colhidos nesta pesquisa são de uso pessoal da pesquisadora e serão inutilizados após a conclusão da pesquisa.

A participação será voluntária, os mesmos poderão sair da pesquisa quando desejarem, sem qualquer constrangimento ou prejuízo, assinando um Termo Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados que constarem não serão divulgados de forma que possam identificá-los os usuários desse serviço individualmente.

O contato com a aluna pesquisadora pode ser feito através do telefone (51) 98150057 e do e-mail rafaelap.r@hotmail.com, e com a orientadora e pesquisadora responsável deste projeto de pesquisa pelo telefone (51) 99731882 e do e-mail katiab@cpovo.net.

Telefone Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS: 33083629

Assim sendo, solicito autorização desta Instituição para a realização da pesquisa. Coloco-me à disposição para maiores informações e esclarecimentos sobre a pesquisa e sua realização.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura do responsável pela Instituição

---

Kátia Salete Barfknecht  
Orientadora e Professora Responsável pela Pesquisa

---

Rafaela Peixoto Reinheimer  
Aluna Pesquisadora